



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA**

THYAGO LIRA SOBRAL

**ENSINO REMOTO DE VIOLÃO: UM OLHAR DIRECIONADO À
ADAPTAÇÃO DOS DOCENTES DE UMA ESCOLA ESPECIALIZADA
DE MÚSICA NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL**

João Pessoa
2023

THYAGO LIRA SOBRAL

**ENSINO REMOTO DE VIOLÃO: UM OLHAR DIRECIONADO À
ADAPTAÇÃO DOS DOCENTES DE UMA ESCOLA ESPECIALIZADA
DE MÚSICA NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL**

Monografia de Graduação apresentada ao Curso de Licenciatura em Música, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Música, habilitação em Violão.

Orientadora: Prof. Dra. Carla Pereira dos Santos

João Pessoa
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S677e Sobral, Thyago Lira.

Ensino remoto de violão : um olhar direcionado à adaptação dos docentes de uma escola especializada de música no ensino remoto emergencial / Thyago Lira Sobral. - João Pessoa, 2023.

64 f.

Orientação: Carla Pereira dos Santos.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Música (Licenciatura) - TCC. 2. Música - Ensino remoto emergencial. 3. Violão - Ensino remoto. 4. Instrumento musical - Ensino remoto - Pandemia. I. Santos, Carla Pereira dos. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 78:37(043.2)

THYAGO LIRA SOBRAL

**ENSINO REMOTO DE VIOLÃO: UM OLHAR DIRECIONADO À
ADAPTAÇÃO DOS DOCENTES DE UMA ESCOLA ESPECIALIZADA DE
MÚSICA NO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Música, habilitação em Violão.

Aprovado, em 13 de novembro de 2023

BANCA EXAMINADORA



Profª Dra. Carla Pereira dos Santos
Universidade Federal da Paraíba



Prof. Dr. Fábio Henrique Gomes Ribeiro
Universidade Federal da Paraíba

Documento assinado digitalmente
gov.br GUTENBERG DE LIMA MARQUES
Data: 22/11/2023 09:11:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Gutenberg de Lima Marques
Universidade Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me manter, sustentar, e abençoar durante toda a minha vida e durante todo esse trajeto. Também agradeço a Nossa Senhora por sua maternidade.

Aos meus pais, José Humberto e Maria do Rosário, que com muito amor me criaram, me proveram o necessário e estavam comigo durante a caminhada até o fim deste ciclo.

Agradeço imensamente a minha orientadora Prof^ª. Dra. Carla Santos, por toda a paciência comigo e esforço dedicado a realização desse trabalho.

Meus agradecimentos também à banca examinadora, ao Prof. Dr. Fabio Ribeiro e ao Prof. Me. Gutenberg de Lima Marques, que se disponibilizaram a participar da minha defesa deste trabalho.

Ao meu professor de instrumento durante o curso, Prof. Dr. Albergio Diniz, por todo o cuidado e paciência durante o trajeto de aprendizado.

Por fim, a todos os professores e colegas que contribuíram de alguma forma com os bons aprendizados.

RESUMO

Na recente experiência da pandemia da COVID-19, com o distanciamento imposto e com toda a mudança em todos os âmbitos sociais, ocorreu uma intensa transformação na maneira de ensinar e aprender um instrumento musical, principalmente nos contextos em que o processo se dava de maneira presencial. Nesse sentido, o ambiente de encontro físico da sala de aula foi substituído pelas aulas nas residências através das ferramentas virtuais. Sendo assim, esse trabalho buscou investigar esse contexto de ensino através de uma pesquisa de caráter qualitativo que teve como objetivo geral compreender e analisar como se realizou a adaptação dos professores de violão de uma escola especializada de música “X” para o ensino remoto de violão. Desse objetivo geral derivaram os seguintes objetivos específicos: compreender como os professores passaram a planejar e a realizar suas aulas remotas; compreender os principais desafios enfrentados pelos professores no processo de ensino remoto; compreender e analisar a impressão dos professores a respeito dos alunos no ensino remoto; identificar que estratégias utilizadas se mantiveram no retorno ao ambiente presencial. A fim de construir os capítulos de revisão de literatura e de fundamentação para este trabalho, bem como para a articulação com os dados obtidos, realizei uma pesquisa bibliográfica buscando autores que discutem o tema. Para a coleta de dados, foi realizada uma entrevista semiestruturada como instrumento. Através da análise dos dados obtidos foi possível verificar que os docentes não tinham experiência prévia com o ensino remoto, e buscaram aproximar a experiência do ensino remoto à do ensino presencial através das aulas síncronas. Como forma de superar os desafios que apareceram foram utilizadas ferramentas assíncronas. Essas ferramentas foram incorporadas pelos docentes ao ensino presencial posterior à pandemia, como produto da experiência remota.

Palavras-chave: ensino remoto emergencial; violão; escola especializada.

ABSTRACT

In the recent experience of the COVID-19 pandemic, with imposed social distancing and significant changes in various social aspects, there has been a significant transformation in the way of teaching and learning a musical instrument, especially in contexts where the process traditionally occurred in person. In this sense, the physical classroom setting has been replaced by lessons at home through virtual tools. Therefore, this study aimed to investigate this teaching context through qualitative research, with the overall goal of understanding and analyzing how the adaptation of guitar teachers from a specialized music school "X" to remote guitar instruction took place. From this overall goal, the following specific objectives emerged: to comprehend how teachers began to plan and conduct their remote lessons; to understand the main challenges faced by teachers in the process of remote teaching; to grasp and analyze teacher's impressions about students in remote instruction; and to identify which strategies that were used have been retained upon the return to in-person settings. To construct the chapters on literature review and theoretical framework for this work, as well as to connect with the collected data, I conducted a bibliographic research to find authors discussing the topic. For data collection, a semi-structured interview was carried out as the primary instrument. Through the analysis of the collected data, it was possible to ascertain that the educators had no prior experience with remote teaching and sought to align the remote teaching experience with in-person instruction through synchronous lessons. As a means to overcome the challenges that arose, asynchronous tools were utilized. These tools were later incorporated by the educators into in-person teaching after the pandemic, as a result of the remote teaching experience.

Keywords: emergency remote teaching; acoustic guitar; specialized school.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	12
3	ENSINO REMOTO DE MÚSICA: contexto anterior, experiência na pandemia e as possibilidades para o presente	21
3.1	Reconhecendo o contexto: Ensino a Distância (EaD), Ensino Híbrido e Ensino Remoto Emergencial (ERE).....	24
3.2	A Formação docente e a sala de aula virtual: para onde vamos?.....	27
4	O ENSINO DE VIOLÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: EXPERIÊNCIAS E RETORNO AO PRESENCIAL	32
4.1	A experiência docente e o tempo de preparação	32
4.2	Adaptação – mudança de contexto, limitações das aulas síncronas e a busca por soluções nas ferramentas assíncronas.....	34
4.3	Ensino presencial no pós-pandemia	52
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
	REFERÊNCIAS	59
	APÊNDICES	62

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos do cenário musical brasileiro, o violão, no meu entender, é um dos instrumentos com profundo enraizamento cultural, e atua nas mais diversas áreas e contextos. Foi a partir deste instrumento que pude iniciar minha vivência musical de forma mais concreta, seja exercendo-a na prática, seja através dos estudos.

Em minha experiência, estive inserido em diversos contextos de ensino-aprendizagem musical, e em maior parte do lado discente. Meu primeiro contato com o violão se deu através de uma oficina de violão coletivo e música popular, que acontecia a uma pequena distância de onde morava, em um centro intergeracional da prefeitura de João Pessoa. Em seguida, pude adentrar em outra abordagem do violão, ingressando em uma escola especializada de música, e tendo contato com o violão dito erudito.

Hoje, vivencio o nível superior, cursando a graduação no Curso de Licenciatura em Música, com habilitação em instrumento, que é um diferencial no curso de licenciatura da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Apesar de ter sido inserido nestes diferentes contextos, nunca havia experienciado uma situação como a que se iniciou no ano de 2020, depois da imensa transformação social provocada pelo advento da pandemia da covid-19. Essa situação exigiu uma grande reformulação no âmbito do ensino, não sendo diferente no contexto da música, sobretudo no ensino do instrumento e do violão, ao qual me dedico a aprender e ensinar.

Dentro da perspectiva do ensino das escolas especializadas, as precariedades e mudanças provocadas pela pandemia colocam o aprendizado instrumental e musical como um todo em uma das situações mais difíceis já vivenciadas. Nesse período, a educação de uma forma geral passou pela mudança primária e essencial: a mudança de local. As aulas que eram costumeiramente presenciais passaram a ser remotas, síncronas (em tempo real e por vídeo chamada), ou assíncronas (em videoaulas, por exemplo). Essa mudança, a meu ver, tem um peso muito maior no campo da música, no qual estou inserido e pude observar inúmeros desafios, principalmente no ensino-aprendizagem dos instrumentos.

Através dos meus estudos anteriores com o violão em uma escola de música, pude perceber a valorização de pequenos detalhes a serem trabalhados (em qualquer música estudada), que se diferenciava da valorização de detalhes que existiam de minha experiência com a música popular (através das oficinas e do aprendizado autodidata).

Aqui deixo bem claro que essa foi a minha percepção fundamentada única e exclusivamente em minha experiência, e que no meio de ensino popular e da música popular existiam (e ainda existem, pois continuo a vivenciá-la diariamente) outras questões musicais mais valorizadas, e que são muito importantes. Tendo isso em vista, gostaria de apresentar e refletir acerca de algumas mudanças que me marcaram a partir da chegada da pandemia da covid-19, neste contexto conservatorial (de um ensino tradicional de música) e das escolas especializadas.

Podendo vivenciar parte desta adaptação como aluno, no final do curso superior, encontrei diversas dificuldades em todo este processo. Em primeiro lugar, quando pensamos no aprendizado musical, parte essencial disso é o som. Com o advento do período remoto emergencial, as aulas passaram a ocorrer de forma *online* e síncrona, tentando aproximar-se da aula em tempo real de maneira presencial, e em sua maior parte através da plataforma Google Meet. Por mais úteis que as plataformas de videochamada sejam, elas de longe não são a melhor experiência quando nos referimos a questão sonora, pecando na fidelidade do som, como também no corte do som ao tocar mais fraco ou até falar mais fraco, devido aos artefatos de áudio que tentam cortar os ruídos (quando ninguém está falando, por exemplo). Essa e outras ferramentas foram projetadas para as chamadas de voz, sendo assim, foram pensadas para uma finalidade que não inclui as nuances do trabalho musical, principalmente em relação às diferentes intensidades do som.

Estas plataformas comumente utilizadas para reuniões, e agora para as aulas síncronas remotas no período da pandemia, não foram pensadas e planejadas para aulas de música, ou para qualquer outra prática musical. Sendo assim, muitas vezes, no meu cotidiano na sala de aula, eu e meu professor encontramos dificuldades ao trabalhar dinâmicas no violão (principalmente o piano/fraco). Além disso, algumas questões de mudança de timbre são prejudicadas no ensino remoto síncrono, que quando não tão drásticas (timbres muito contrários), tendem a não ser perceptíveis nessas plataformas.

Além disso, a latência da informação que é enviada através das aulas síncronas dificulta a prática musical simultânea e conjunta, esta que prejudica não somente as aulas de violão coletivas em alguma oficina, mas também as aulas individuais de instrumento, comuns em uma escola de música especializada ou universidade, por exemplo. Com base em minha experiência, me recordo facilmente de diversas vezes onde, por este atraso no som e imagem, ficamos impossibilitados (eu e meu professor) de trabalhar algum

exercício ou atividade para a correção rítmica em certo trecho. Além disso, também foi barrada (através das aulas *online* e síncronas) a possibilidade da execução em conjunto, que é útil não somente as práticas de ensino coletivo de instrumento, mas também nas aulas individuais, entre professor(a) e aluno(a).

Outro ponto que posso destacar, que coincide não só com a minha experiência, mas com diversos relatos de colegas e professores, é a dificuldade a respeito da conexão (de internet) e dos recursos tecnológicos disponíveis, que atrapalham não somente ao som, como também a imagem, que é parte essencial no ensino-aprendizagem do instrumento. Apesar de possuir uma boa conexão com a internet, algumas poucas vezes não pude ter acesso a aula, ou tive acesso, porém com uma péssima qualidade de imagem e som (que já não costumava ser das melhores comumente), devido a queda de conexão, ou alguma perda da mesma.

O problema de latência, a pouca fidelidade ao som real, as perdas de conexão, são apenas alguns dos problemas enfrentados nesta situação adversa, e que costumo enfrentar semanalmente. Porém, essas são algumas barreiras para aqueles que conseguem ter a oportunidade de ter uma aula assíncrona. Quando consideramos ainda aquelas pessoas que não têm acesso a tal, seja por uma questão de pacote de internet ou alguma ausência tecnológica em casa, estas dificuldades só aumentam. Quanto a essas questões, não me deterei (neste momento) a especificá-las, por não fazerem parte da minha experiência.

Por ter experienciado por mais tempo esta realidade das escolas especializadas, e por atuar como professor de violão em contextos que se assemelham a esta realidade (aulas geralmente individuais, contemplando um(a) professor(a) e um(a) aluno(a)), senti a necessidade e a vontade de compreender e analisar a adaptação de outros professores neste mesmo tipo de ambiente de ensino do violão, a fim de refletir e aperfeiçoar minha própria prática.

A partir disso, alguns questionamentos surgem neste contexto de pandemia, e que podem nortear este tema. Todas as limitações citadas até o momento, dificultam o aprendizado dos estudantes de todos os níveis possíveis, e limitam a experiência anteriormente presencial. Em níveis mais avançados, como já citei acima, a valorização dos detalhes está muito presente e passa a ser muito importante com o decorrer do processo. A depender dos recursos, ferramentas e do planejamento metodológico, podemos ter inúmeros resultados diferentes, facilitando ou dificultando o processo de

adaptação. Por fazer ainda parte deste processo como aluno universitário, vivencio esta realidade a cada semana, e apesar de algumas soluções serem sugeridas no processo (como gravações em vídeo anteriores a aula síncrona, por exemplo) surgirem, muitas outras podem aparecer e acrescentar neste quesito delicado.

Além disso, podemos direcionar nosso olhar para aqueles que estão iniciando na música e no instrumento. Em minha experiência inicial como aluno, e também como docente, assistindo pessoas novatas ao violão, pude perceber a importância tanto do visual, como do contato físico, que auxiliam na inserção das primeiras notas. Nós vivemos, devido a todo este transtorno causado pela pandemia da covid-19, um momento de distanciamento e contato visual através das telas, o que tende a dificultar o processo inicial de aprendizagem de violão que, muitas vezes, já costuma ser ardoroso. Planejar e aplicar aulas remotamente, para pessoas que nunca tiveram contato com um instrumento, é um dos desafios que, antes da pandemia, eu não havia enfrentado, e imaginava até ser quase impossível.

Esses são alguns dos questionamentos que, a meu ver, são pertinentes e necessários para o professor de violão (e de outros instrumentos) que estão passando por esse processo de adaptação, e que certamente continuarão com esta bagagem mesmo depois de nos estabilizarmos para o futuro “normal”. Dentro destes questionamentos, para essa pesquisa, proponho a seguinte questão: *Como se deu a adaptação dos professores de violão de uma escola especializada de música “X” para o ensino remoto de violão?*

Com base nesta questão, alguns objetivos podem ser traçados. Como objetivo geral: Compreender e analisar como se realizou a adaptação dos professores de violão de uma escola especializada de música “X” para o ensino remoto na iniciação ao violão. A partir desse objetivo geral e em concordância com a questão acima, essa pesquisa tem como objetivos específicos: compreender como os professores passaram a planejar e a realizar suas aulas remotas; compreender os principais desafios enfrentados pelos professores no processo de ensino remoto; compreender e analisar a impressão dos professores a respeito do retorno dos alunos no ensino remoto; identificar que estratégias utilizadas se mantiveram no retorno ao ambiente presencial.

O meu interesse e minha justificativa em pesquisar a respeito disto, surge com base em dois pontos que julgo serem importantes. Um deles parte de motivos e experiências pessoais e profissionais, para que eu possa encontrar na prática dos outros professores

algumas soluções e reflexões para a minha própria prática, já o segundo contém uma visão acadêmica/científica de um fenômeno contemporâneo.

A partir desta primeira perspectiva, considero significativa esta pesquisa para o meu aprimoramento profissional e educacional. Sendo uma de minhas atividades o ensino do instrumento (violão), e considerando o atual contexto de transição, adaptação e mudança em que nos encontramos devido ao distanciamento, julgo necessária a compreensão de outros processos de adaptação (distantes da minha própria prática pedagógica). Assim, a partir do conhecimento dos planejamentos e das dificuldades encontradas em uma outra realidade, poderei encontrar sugestões para a minha prática docente.

O segundo ponto está relacionado ao conteúdo já publicado a respeito. Apesar de os trabalhos sobre o ensino remoto de música (no contexto pandêmico) não serem escassos, por se tratar de uma realidade nova, não são muitas as perspectivas relatadas e analisadas quanto ao ensino do violão. Esta realidade se reduz ainda mais quando focamos no ensino de violão nas escolas especializadas/conservatórios de música, como pôde ser percebido a partir da revisão de literatura realizada.

Tendo em vista o objeto de estudo desta pesquisa realizada, o caminho metodológico adotado para esta pesquisa tomou como base a pesquisa qualitativa, e teve como participantes três professores de uma escola de música especializada “X”. Esses, aceitaram participar deste trabalho acadêmico voluntariamente e assinaram termo de consentimento. Para manter o anonimato, os docentes serão mencionados no capítulo como Professor A, Professor B e Professor C.

A fim de construir os capítulos de revisão de literatura e de fundamentação para este Trabalho de Conclusão de Curso, realizei uma pesquisa bibliográfica, buscando trabalhos relacionados ao ensino de música em geral durante a pandemia, como também mais específicos ao ensino de instrumento musical e ao violão. Para a coleta dos dados utilizados no capítulo de análise, realizei uma entrevista semiestruturada com os professores envolvidos com a pesquisa. A entrevista foi registrada através de gravação de áudio, sendo realizada posteriormente a transcrição. Por fim, busquei relacionar na análise, os dados obtidos com os autores já expostos previamente e com outros autores que foram apresentados por certa necessidade dos dados.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para a realização desta pesquisa, a fim de conhecer e apresentar um panorama mais geral dos autores que se dedicaram ou têm se dedicado sobre a discussão do tema deste trabalho, efetuei um levantamento da literatura publicada e disponível até o presente momento, com o objetivo de contextualizar esta pesquisa. Além disso, busquei trazer elementos convergentes ou divergentes que auxiliem no processo de construção e de compreensão da pesquisa.

Como forma de expor esta revisão, apresentarei os textos a partir de três principais categorias, assim elencadas: 1) trabalhos que tratam do ensino de música no contexto pandêmico; 2) trabalhos que tratam do ensino de instrumento musical no contexto pandêmico; 3) trabalhos que tratam do ensino de violão no contexto pandêmico. É importante ressaltar que alguns dos textos encontrados transitam em mais de uma dessas vertentes, como veremos mais adiante.

Para a busca destes trabalhos, foram consultados os anais de congresso e as revistas da Associação Brasileira de Educação Musical (Abem), bem como da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (Anppom). Além disso, algumas dessas publicações foram retiradas do repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Para isso, estabeleci um recorte temporal das publicações no intervalo de março de 2020 a dezembro de 2022.

Entrando na primeira vertente, e com o olhar mais amplo no ensino de música no contexto pandêmico, Barros (2020) expõe um artigo discutindo e apresentando conceitos e sugestões importantes para este ambiente educacional. Sendo assim, o autor discorre e aponta a distinção entre a já conhecida e difundida Educação a Distância (EaD) e o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Este último conceito, é constantemente referenciado nos trabalhos sobre a pandemia, e não só aos relacionados ao ensino de música, mas à educação como um todo. O autor também aponta sugestões para a ação docente no período de ensino remoto, como a maior interação com as práticas da cultura participativa digital. Ao concluir o artigo, manifesta a necessidade de “uma mudança conceitual dos educadores musicais” (Barros, 2020, p. 11) para uma abertura e aceitação desta cultura.

Dando continuidade com a primeira vertente, porém a partir de uma experiência concreta de adaptação do ensino presencial para o ERE, Silva (2021), na publicação de seu

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) na licenciatura em música pela UFRN, realiza sua pesquisa com o seguinte objetivo: “discutir o processo de adaptação da educação presencial em música para a modalidade remota no período da pandemia do covid-19, no âmbito de um curso de Licenciatura em Música” (Silva, 2021, p. 26). A pesquisa teve caráter qualitativo e sua natureza foi descritiva. Para isso, foram selecionados dois professores da Escola de Música da UFRN (EMUFRN), que lecionaram disciplinas práticas (instrumento) e teóricas durante a pandemia. Estes docentes participaram da coleta de dados via questionário, aplicado digitalmente via Google Forms. Anteriormente à coleta de dados, foi realizada uma revisão bibliográfica a fim de conceituar a EaD e diferenciá-la do ERE. Tal diferenciação, como apontado acima, também se encontra em Barros (2020).

Silva (2021) aponta em seus resultados que a principal dificuldade dos docentes da EMUFRN se deu no ensino de instrumento, onde foram citadas uma série de dificuldades apontadas também por outros autores que tratam especificamente sobre este ensino. Conexões de internet limitadas e equipamentos de pouca qualidade por parte dos alunos foram os maiores empecilhos. Mesmo assim, os professores consideram significativos os avanços tecnológicos nesta área, apesar da experiência presencial ser insubstituível. Apontam também com clareza que levarão o aprendizado e a experiência com as novas tecnologias como acréscimo ao retorno presencial. Já ao observar o ensino de outras disciplinas ou outros aspectos da música, Silva (2021) conclui seu trabalho afirmando ser totalmente possível estas serem trabalhadas com êxito no ensino remoto.

A fim de obter um panorama mais geral (no âmbito mundial), Wolffenbüttel (2021), através de uma pesquisa qualitativa e bibliográfica, investigou novas maneiras de ensinar música no contexto pandêmico. Dentro da perspectiva de mudança gradual de vida da sociedade devido às novas tecnologias, a pandemia da covid-19 foi uma surpresa que rompeu com a transição gradual e exigiu do professor de música (bem como todas as outras áreas profissionais) uma mudança drástica e repentina para um maior contato com o meio digital *online*.

Neste contexto, a pesquisa de Wolffenbüttel (2021) buscou averiguar quais alternativas os professores de música têm optado para superar os desafios encontrados neste ensino remoto e o que as pesquisas têm apontado no âmbito da educação musical. Os dados foram coletados em uma plataforma de pesquisa estadunidense, sendo assim, todos os artigos e trabalhos que fundamentaram o texto da autora estão na língua inglesa. Ao resumir sua pesquisa, podemos apontar que, ao redor do globo, a realidade apontada por Barros (2020) e

Silva (2021) é bem presente, ainda que nos desloquemos da realidade brasileira. Também é relatado como o ensino remoto possibilitou aos professores, após todo o necessário aprendizado de adaptação do processo de ensino, pensarem na inclusão de tecnologias nas suas aulas como um todo, e não somente nas aulas *online*.

Ao direcionarmos nosso olhar para o presente momento, em que o retorno às atividades presenciais se encontra mais estabilizado, e até em contextos anteriores de adaptação para chegarmos novamente ao ambiente presencial, podemos nos voltar para a publicação de Barros e Beltrame (2022), que escrevem um ensaio discutindo e apontando conceitos que podem ser utilizados pelo meio da educação musical na medida em que passa ser possível um retorno para as atividades presenciais de ensino. Desta forma, os autores buscam debater sobre o que aprendemos com as adaptações na pandemia e o que pode ficar, ou ser aproveitado para o momento pós pandemia, considerando aqui a data de escrita e publicação do trabalho, visto que atualmente este retorno já está efetivado.

Considerando o futuro próximo da educação musical, Barros e Beltrame (2022) apontam a viabilidade do ensino híbrido para um retorno às escolas. Porém, observa-se nos diversos contextos de retomada que este tipo de ensino não tem sido utilizado dentro de suas próprias regras, ou seja, dentro de uma metodologia pensada para este meio de ensino. Sendo assim, as escolas utilizam o termo “híbrido” para realizar um revezamento de alunos que se translocam para a sala de aula presencial, enquanto os que em casa estão, assistem uma transmissão *online* da aula presencial. É necessário, então, que os professores de música abracem o desafio e busquem adaptar os conteúdos e as estratégias de ensino para este contexto.

Por fim, os autores citam a importância da formação inicial dos professores de música com os conteúdos que foram exigidos de todos eles durante a pandemia, principalmente atrelados às ferramentas digitais e as estratégias e práticas da cultura participativa digital. Neste sentido, novamente é citado como a falta de imersão por parte dos docentes nas práticas musicais consolidadas no meio digital foram e são prejudiciais nesse processo.

Ainda sobre a perspectiva da adaptação dos docentes nesta recente experiência educacional, Cernev e Dutra (2021) buscam compreender o processo de adaptação dos licenciandos em música na prática da docência nos primeiros meses de pandemia da covid-19, observando como foram utilizadas as tecnologias de informação e comunicação (TIC) na transição para o ERE. Para isso, um estudo exploratório foi realizado com os alunos da

licenciatura em música (cerca de metade destes) da Universidade de Brasília (UnB), através de um levantamento por *survey*, com coleta de dados através de um questionário realizado via internet.

Parte considerável dos licenciandos participantes do estudo apontaram serem professores de música e terem sido obrigados a migrar para o ERE, utilizando os seus próprios equipamentos tecnológicos no processo. Em questões relativas à metodologia, os licenciandos apontaram certa dificuldade. Apesar de terem em mente o desejo de dar preferência a metodologias ativas e participativas, as circunstâncias do ensino remoto emergencial (conexão de internet, impossibilidade de alunos e professores tocarem junto, limitação de equipamentos, entre outras) levaram os educadores a dar preferência a atividades de apreciação/passivas e aulas expositivas. Apesar disso, algumas atividades alternativas (como jogos musicais *online*) também foram utilizadas.

Como conclusão, Cernev e Dutra (2021) destacam a importância da formação profissional dos docentes de música (e das mais diversas áreas) para a utilização das TIC, de forma com que haja um maior preparo acadêmico para a atuação nos meios digitais. Este trabalho e os demais já expostos anteriormente durante esta revisão, salientam a problemática da precária formação docente, insistindo na necessidade de um melhor preparo dos professores para a atuação de ensino no meio remoto/e ou digital.

Ao tratarmos das publicações que se referem mais especificamente e exclusivamente ao ensino de instrumento, abordaremos textos que apresentam uma experiência de ensino de diversos instrumentos, bem como os que lidam com um único instrumento que não o violão. É interessante e importante apontar que, a partir do momento em que se afinou este processo de pesquisa das publicações, foram encontrados muitos relatos de experiência, principalmente mais a frente quando tratamos das referentes ao ensino de violão no contexto pandêmico.

Cesetti, Miranda, Qi e Souza (2021) realizaram uma pesquisa-ação a partir da criação de um curso de extensão em piano a distância, a fim de compreender que estratégias podem ser eficazes no aprendizado remoto. O curso atendeu um total de 20 alunos entre 7 e 13 anos e envolveu aulas síncronas e conteúdos assíncronos através da plataforma *Moodle*. Estes últimos, funcionaram como o primeiro contato dos alunos com determinado conteúdo, sendo mais bem aprofundado e aperfeiçoado na aula síncrona. Na descrição do curso foi acentuada a necessidade do acompanhamento dos pais (de um responsável) que pudesse acompanhar as

aulas e atividades assíncronas com os alunos, além de organizar os horários de estudo. Esta preocupação acabou sendo um diferencial nos trabalhos encontrados.

É importante ressaltar que, no final desta experiência de ensino, buscando superar uma das barreiras do ambiente remoto *online* (a prática em conjunto), os professores organizaram gravações prévias que serviram como base, para que os alunos pudessem, utilizando um fone de ouvido, realizar uma gravação conjunta, de forma que todos participassem de um único vídeo ao final. Esta prática em grupo é apontada por alguns autores como sendo os ‘*collabs*’ (Barros, Beltrame, 2022, p. 7). Outros trabalhos encontrados para a exposição nesta revisão de literatura se utilizaram deste mesmo recurso para a prática em conjunto.

Barbosa (2022), em seu TCC, apresenta um relato de experiência a partir de um processo de adaptação do funcionamento presencial do Projeto Escola de Música Severino Cordeiro (EMUSCO), do qual ele fez parte e atua como professor desde 2008, para a realidade pandêmica do ensino remoto emergencial. Além do foco principal do projeto no ensino de instrumentos musicais, que foram realizados em primeiro lugar através da disponibilização de videoaulas através do YouTube, e logo após através de aulas síncronas no *Google Meet*, a EMUSCO também trabalha com um braço forte nas atividades culturais a partir de diversas formações instrumentais coletivas. Visto que os ensaios presenciais não eram mais possíveis, e que devido à latência existente nas chamadas de áudio e vídeo não se é possível realizar um ensaio remoto síncrono, foi decidido que esta via do projeto se realizaria através das redes sociais, com a gravação e disponibilização em vídeo do repertório do projeto, sendo este mais um exemplo dos *collabs*.

Saindo do contexto dos relatos de experiência e das pesquisas-ação, Vasconcelos (2021) discorre sobre sua pesquisa realizada com o foco na perspectiva de doze professores de instrumentos musicais variados, no Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA), no trabalho de adequação das oficinas presenciais para o ensino *online*. Os dados foram coletados através de áudios gravados pelos professores, que seguiram quatro tópicos a serem respondidos: (i) vantagens do ER; (ii) as dificuldades encontradas; (iii) as metodologias utilizadas nas aulas e (iv) o que aprenderam com a nova experiência (Vasconcelos, 2021, p. 3). As oficinas *online* tiveram duração de quatro meses.

Sobre o primeiro ponto, foi destacada a comodidade proporcionada pelo ensino remoto, relacionada à falta de deslocamento para as aulas, a flexibilidade e a pontualidade, além da possibilidade de trabalhar com alunos de várias localidades. Já no relato sobre as dificuldades,

podemos observar mais um trabalho que bate na tecla das conexões de internet (um dos professores relata ter tido que aumentar seu pacote de internet), da falta de equipamentos adequados e do delay inerente das plataformas de videoconferência.

Visto que esta adaptação ao modelo remoto foi bastante forçada, é comum observarmos, nas pesquisas encontradas sobre as perspectivas dos docentes, o relato da falta de equipamentos para a realização das aulas, tanto síncronas como assíncronas. Hirsh, Manzke e Rodrigues (2020), ao exporem considerações iniciais de uma pesquisa em andamento sobre o ensino de piano durante o isolamento social, apresentam dados semelhantes. O trabalho teve como objetivo sondar e discutir as adaptações realizadas nas aulas de piano *online* pelo país, tendo como foco o professor e suas invenções e soluções para este meio específico e emergencial de trabalho gerado pela covid-19. Para coleta de dados, os autores optaram pelo *survey* com amostragem bola de neve (não probabilística) e participaram desta pesquisa 157 professores (de todas as regiões do país), porém, foram considerados para análise 156 no total, pois um destes atuou em Portugal.

Como resultado, a pesquisa de Hirsh, Manzke e Rodrigues (2020) apontou que um pouco mais da metade dos professores relataram ter sido uma transição difícil, ou que tiveram certo receio, principalmente quando consideramos que a maioria esmagadora dos participantes da pesquisa ministravam aulas exclusivamente presencial (91%), e uma minoria destes contavam com equipamento de ponta para a adequação ao formato *online*, sendo este um ponto congruente com o trabalho de Vasconcelos (2021).

No ano de 2020, no início da pandemia da covid-19, algumas realidades de ensino tiveram que sofrer uma mudança imediata para o modelo remoto, a fim de que fosse possível ao menos realizar a finalização do semestre, principalmente quando falamos das universidades. Adentrando nas publicações que tratam do ensino de violão no período pandêmico, Portugal, Rodrigues e Westermann (2020) expõem o processo de adaptação ao ambiente remoto para a conclusão do semestre 2019.2 da Oficina de Iniciação ao Violão da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). A oficina de violão coletivo exposta pelos autores passou justamente pelo processo de adaptação abrupta, sem grandes pausas para um melhor planejamento ou para o melhor entendimento de tudo que se passava no mundo.

Considerando o desigual acesso a internet, comum no Brasil mesmo em tempos recentes, e a falta de tempo para a realização de uma sondagem entre os estudantes sobre o acesso a este recurso, os autores, em reunião com os bolsistas atuantes no projeto, optaram

por disponibilizar material assíncrono para a conclusão do semestre (via WhatsApp e YouTube), ao invés de encontros síncronos via videoconferência. Esta saída pareceu aos organizadores mais inclusiva, por possibilitar acessos de maneiras variadas. Além disso, os autores apontam como as videoaulas já fazem parte da cultura musical da internet (Portugal, Rodrigues, Westermann, 2020, p. 4).

A proposta da oficina enquanto curso presencial era de abordar uma mesma música com níveis de dificuldades diferentes (se tratando de um instrumento harmônico versátil como o violão), o que foi mantido no trabalho em vídeo. Disponibilizaram, então, cinco vídeos contendo a execução de uma mesma canção com as diferentes dificuldades, e realizaram um encontro síncrono opcional para sanar algumas dúvidas dos estudantes.

Parte significativa das dificuldades enfrentadas pelos autores e pelos bolsistas envolvidos no projeto se deu devido a problemática da elaboração dos vídeos. Isso se deu pela frequência semanal de produção de vídeos, vinculada aos recursos e materiais insuficientes de cada integrante do grupo, além de condições domésticas inadequadas para gravação de vídeo, como iluminação, cenário e barulho externo (Portugal, Rodrigues, Westermann, 2020, p. 10).

No ano seguinte, ainda com o olhar sobre o mesmo processo adaptativo, Araújo, Rodrigues e Westermann (2021) publicam um texto sobre a perspectiva da produção das videoaulas disponibilizadas na oficina durante o início da pandemia. Além de citar dificuldades já apresentadas no trabalho anterior, como o ambiente doméstico precário para gravações (devido a falta de iluminação e som do local adequados), os autores expõem e descrevem uma série de etapas na produção do material didático disponibilizado: escolha de repertório, roteiro, produção de arranjos, gravação, edição, entre outros.

Para a conclusão, Araújo, Rodrigues e Westermann (2021) destacam que este trabalho foi realizado pelos bolsistas do curso de licenciatura, ou seja, docentes no processo de formação. Além disso, os autores expõem que todo o processo de produção deste material exigiu muita pesquisa por ferramentas relacionadas a produção de vídeos, uma vez que estes bolsistas e o professor orientador são antes de mais nada, músicos. Sendo assim, estes conhecimentos técnicos de outras áreas não estavam necessariamente em suas especificidades e experiências prévias.

Boa parte das experiências de adaptação do ensino de violão para o contexto remoto que pude encontrar, especificamente as que se referem à adaptação no período da pandemia, são de oficinas de violão coletivo. E assim como na prática de conjunto de diversas formações

instrumentais, as aulas de instrumento coletivo têm esse diferencial, de não só aprender em conjunto, como também de tocar junto, seja todo o grupo, ou em grupos separados. Aires Filho, Santos e Marinho (2020), ao relatarem sobre as mudanças nas Oficinas de Violão Coletivas da Orquestra de Violões da Paraíba (OVPB), da UFPB, no período pandêmico, apontam um questionamento importante que foi presente no processo. Visando manter a filosofia das oficinas presenciais, surge a pergunta, ‘como fazer para tocarem todos juntos?’ (Aires Filho, Santos, Marinho, 2020, p.5). Podemos observar, que de forma semelhante, Moreira e Scotti (2021) apontam terem passado pela mesma problemática ao descreverem os desafios enfrentados no projeto de extensão do Programa Institucional de Projetos e Bolsas de Extensão (PIPBEX), voltado para o ensino coletivo de violão e teoria musical e situado no Instituto Federal do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE).

O primeiro destes dois trabalhos, é um relato de experiência que tem por objetivo explicar ponderações a respeito de uma experiência de ensino remoto coletivo de violão, no contexto de uma extensão universitária. As oficinas da OVPB funcionam de laboratório de prática docente para os alunos do curso de Licenciatura em Música, sendo assim, a experiência destes monitores durante o processo de adaptação ao ensino remoto no período pandêmico foi a base das reflexões apresentadas neste relato. Estas reflexões foram embasadas a partir de uma pesquisa bibliográfica. Em conclusão, os autores apontam que, apesar das limitações presentes no ensino remoto, o curso neste modelo foi um sucesso. Também relatam que as dificuldades encontradas foram de natureza pedagógica e tecnológica, e que a busca pela solução destes problemas possibilitou a reflexão sobre novas direções para o ensino coletivo *online* de violão.

Já o segundo trabalho também é um relato de experiência com o objetivo de expor os resultados do projeto de ensino coletivo de violão e teoria musical, decorrentes do processo de adaptação ao ensino remoto, apresentando os desafios e resoluções presentes durante este período. Para isso, inicialmente foi exposta uma base teórica, a fim de dialogar com alguns textos que pudessem discorrer sobre os conceitos de Ensino Coletivo de Instrumento Musical (ECIM) e de ERE. Em seguida, os autores relatam as diferentes etapas de ação do projeto, apontando o planejamento, o processo de seleção dos alunos e dos aplicativos a serem utilizados durante o ensino na pandemia e a adaptação do ECIM para o contexto do ERE. Concluindo, Moreira e Scotti (2021) apontam como foi necessário sair da zona de conforto para solucionar os problemas, evidenciando o desafio das ferramentas digitais. Também

consideraram que os objetivos do projeto foram alcançados, apesar dos pontos negativos das aulas no formato remoto.

Ambos os projetos de oficina coletiva de violão tiveram suas aulas remotas realizadas sincronamente via Google Meet, e apresentaram idêntica solução para a problemática. A fim de que todos tocassem juntos, superando o desafio da latência oriunda da internet nas chamadas *online*, todos os alunos tocavam junto ao(a) professor(a), e somente este permanecia com o seu microfone aberto, de forma com que todos estivessem executando a música juntos. Em seguida, era a vez do(da) professor(a) desligar o microfone, a fim de que um aluno pudesse ser ouvido, enquanto todos executavam a música com ele. A literatura que pude encontrar e apresentar neste capítulo, mostram uma visão geral e resumida dos trabalhos que falam sobre a temática de minha pesquisa e são fundamentais para evidenciar congruências e divergências quanto às diversas adaptações ao ensino remoto emergencial durante a pandemia da covid-19.

Dessa forma, é possível contextualizar minha pesquisa dentro de um âmbito mais geral que vem sendo relatado e publicado a respeito deste tema. É importante ressaltar que em boa parte dos trabalhos apresentados pudemos encontrar resultados e conclusões semelhantes, quando observamos o destaque para a necessidade, dos docentes envolvidos, de uma maior interação, aproximação e formação com as tecnologias digitais de informação e comunicação. Esses professores também apontam suas intenções em utilizar o conhecimento adquirido neste sentido no retorno do ensino presencial.

3 ENSINO REMOTO DE MÚSICA: CONTEXTO ANTERIOR, EXPERIÊNCIA NA PANDEMIA E AS POSSIBILIDADES PARA O PRESENTE

As mudanças e transições ocasionadas pela chegada da pandemia do covid-19 podem ser percebidas nos mais diversos âmbitos da vida social. No meio da educação musical, novas questões e debates surgem quanto a recursos, planejamentos, metodologias, ambientes virtuais e vários outros questionamentos. Ficam também em evidência questões que já haviam sido levantadas anteriormente à pandemia, como o uso de recursos tecnológicos no ensino de música e no cenário educacional como um todo. Como apontam Portugal, Rodrigues e Westermann (2020, p. 12), habilidades como a de gravação, edição e domínio das plataformas de conteúdo já eram necessárias ao professor da atualidade. A exigência quanto a estas aptidões, além de muitas outras da cultura digital, só se tornaram mais urgentes.

Quando voltamos nosso olhar ao período anterior a pandemia, é importante observar que se tornou comum, no ambiente da internet, os processos e práticas de ensino de instrumento musical e de música de uma maneira geral, com a criação de *sites*, plataformas, aplicativos e outros recursos digitais que passaram a facilitar e a proporcionar a aprendizagem e a prática musical. Como podemos destacar,

O cenário de distanciamento social, em enfrentamento à pandemia da Covid19 iniciado no ano de 2020, evidenciou os processos pedagógicos que se dão através das tecnologias digitais em ambientes online. Convém destacar que essa já era uma realidade em anos anteriores. Desde que as tecnologias, e a internet, evoluíram para a possibilidade de produção de conteúdo digital de modo mais acessível pelos usuários, encontramos a viabilidade de haver práticas de ensino de música através de mídias sociais, por exemplo (Marques, 2022, p. 2).

Silva (2021, p.23) elenca em sua pesquisa uma série de aplicativos, *sites* e plataformas que proporcionam algum conhecimento musical, ou apresentam recursos e ferramentas para a prática musical e para a prática de estudo. Um dos *sites* mais populares na internet neste quesito é o Cifra Club, que disponibiliza, principalmente, letras e cifras de canções, mas também oferece videoaulas de instrumento e canto através do YouTube e do próprio *site*.

Além disso, podemos observar também nas instituições formais de ensino, a partir da disseminação da internet, a oferta de cursos de música no modelo EaD no Brasil, principalmente nas universidades brasileiras. Colabardini e Galvão (2020, p. 6) apresentam uma tabela contendo uma lista de Instituições Públicas de Ensino Superior (IPES) que

viabilizam cursos de graduação, pós-graduação e extensão nesta modalidade de ensino, ou que já ofertaram anteriormente. Os autores destacam o fato da maioria destes cursos e polos estarem localizados nas regiões norte e nordeste.

Outra ferramenta que vem sendo explorada para o ensino *online* de música é o Youtube. Segundo Telles (2011, *apud* Marques, 2022, p. 3): “...o YouTube é um site de compartilhamento de vídeos online”. Sendo assim, observamos a grande amplitude de possibilidades e utilidades desta ferramenta, quando percebemos que qualquer indivíduo com acesso à internet, mesmo que limitado, pode fazer parte desta corrente de compartilhamento e contribuir com algum material audiovisual. Os conteúdos disponíveis na plataforma, então, são os mais variados possíveis, se restringindo apenas às diretrizes e regras de publicação.

Vale salientar que o *site* não foi criado visando ser uma ferramenta de educação, muito menos de educação musical, mas devido a essa liberdade proporcionada pela plataforma de cada indivíduo ter o poder de fazer um *upload* do vídeo que desejar, podemos encontrar diversos canais que se utilizam dessa liberdade do YouTube para disponibilizar conteúdos relacionados ao ensino e aprendizagem musicais, sejam gravados ou até mesmo via transmissão ao vivo. Este tipo de espaço para o aprendizado musical tem se tornado alvo também de pesquisa, como o trabalho realizado por Marques (2022), que buscou investigar um canal de canto nessa plataforma, procurando compreender como ocorrem essas práticas de ensino provenientes de um canal no YouTube.

Quando pensamos no ensino de música através da internet, certamente temos a tendência nos dias de hoje a voltar o nosso olhar à recente experiência no período pandêmico pelo qual passamos, ou até mesmo para estas práticas anteriores à pandemia, destacadas nos parágrafos anteriores, de não muito tempo atrás. Porém, é importante destacar que a experiência de ensino através da internet não é exclusiva da última década. Na década de 2000, Braga e Tourinho (2006) não só afirmaram já ser possível, na época, a implementação de cursos de instrumento musical (falando especificamente do violão) mediados pelo computador com atividades *online*, como também elencaram quatro aspectos necessários para o planejamento desses cursos: 1) fundamentação teórico-pedagógica; 2) objetivos e público-alvo; 3) escolha de recursos e atividades adequadas e 4) preparação de professores e alunos para o trabalho no ambiente virtual (Braga; Tourinho, 2006, p. 23).

Dentre os pontos indicados pelos autores, destaco a atenção voltada para a necessidade da preparação dos educadores e educandos para esta interação de aprendizado nos ambientes

digitais, ponto este que vem sendo enfatizado nos diversos artigos e relatos de experiência, como pudemos observar no capítulo destinado à revisão de literatura. Prensky (2001 *apud* Barros, 2020, p. 297), em época anterior à nossa, com diferentes inovações digitais, aponta a dificuldade dos professores na adaptação ao meio digital e suas tecnologias, uma vez que muitos deles não cresceram com estas inovações. Diferentemente dos alunos, que conseguem acolher e captar as informações mais rapidamente, por terem tido a oportunidade de vivenciar estas tecnologias desde cedo (Prensky, 2001, p. 2 *apud* Barros, 2020, p. 297).

Podemos observar que esta realidade da falta de familiaridade dos professores continua presente nos dias atuais e nos tempos recentes de pandemia. Esta lacuna dos docentes muitas vezes resulta na tentativa de replicar ao máximo a experiência presencial com o mesmo tempo e espaço compartilhados entre os presentes na sala de aula.

Quando investigamos os relatos de experiência relacionados ao ensino de instrumento durante a pandemia, percebemos que boa parte das dificuldades apresentadas se encontram na tentativa de realizar um encontro síncrono, isto é, simultâneo, em tempo real entre o professor e o(s) aluno(s), através de alguma plataforma de videoconferência. Falta de fidelidade do som, falha na conexão de internet e a latência do vídeo e do áudio durante as chamadas são alguns dos obstáculos relatados neste tipo de experiência.

Apesar desses empecilhos, ferramentas como o Google Meet, Zoom, entre outras, têm possibilitado as reuniões em tempo real para diversas finalidades. E, se aproveitando da abertura e liberdade para diversas atividades proporcionadas por estas plataformas (assim como do YouTube), o meio educacional e da educação musical tem tomado proveito destes espaços, mesmo que não tenham sido criados para esta finalidade.

Além disso, é importante ressaltar que as ferramentas de videoconferência não são exclusivas de nosso tempo e advindas da pandemia, muito menos da última década. Murphy (2003, *apud* Braga; Tourinho, 2006, p. 23) e Peters (2006, *apud* Braga; Tourinho, 2006, p. 23) apontam como projetos implementados no Canadá, como o MusicPath e o MusicGrid já proporcionavam, naquela época, a possibilidade de realizar videoconferências de alta qualidade entre alunos e professores de instrumento musical.

Este olhar um pouco mais amplo, que contempla as possibilidades existentes voltadas para o ensino de música e para o ensino de instrumento musical, desde o surgimento da internet, nos permite virar a chave da nossa concepção de ensino, que tende a enxergar a

necessidade de uma interação presencial entre o professor e o estudante. Neste quesito, concordo com Braga e Tourinho (2006) ao afirmarem que,

Ora, por muitos anos se considerou a interação presencial professor-aluno como essencial para o aprendizado de um instrumento musical. O aprendiz medieval convivia com o seu mestre, mas de lá para cá muita coisa mudou. Os meios atualmente disponíveis permitem outros tipos de interação além do presencial (Braga; Tourinho, 2006, p. 22).

Podemos compreender, então, que o ensino de música e de instrumento musical através da internet não nasce de forma alguma com a pandemia, mas tem sua identidade em formação desde os primeiros anos da internet. Para que possamos atuar de uma maneira mais eficiente neste meio de ensino, é importante que tenhamos conhecimento das práticas já estabelecidas, como também das modalidades e contextos de ensino fora do ambiente presencial.

3.1 Reconhecendo o contexto: Ensino a Distância (EaD), Ensino Híbrido e Ensino Remoto Emergencial (ERE)

No momento em que temos em vista que são muitas as possibilidades de utilização das ferramentas digitais para o ensino de música e para o ensino de instrumento, das quais citei apenas algumas, temos que voltar o olhar para uma melhor compreensão do momento de ensino que passamos durante a pandemia da covid-19, a fim de que possamos ter uma melhor relação entre os autores que debateram sobre esta temática do ensino de instrumento na pandemia e os dados coletados nesta pesquisa. Tivemos a experiência da pandemia de uma maneira muito surpreendente. Apesar dos noticiários, com alguns meses de antecedência, nos atualizarem a respeito dos primeiros casos de infecção pelo Coronavírus que surgia na República Popular da China no final de 2019, em março de 2020, o Brasil, com o Projeto de Decreto Legislativo (PDL) 88/20, que declarou calamidade pública, e o mundo inteiro, com a declaração de pandemia pela Organização Mundial de Saúde (OMS) adentram em um período de temor e de uma série de mudanças repentinas e de caráter provisório, o que não foi diferente no meio educacional.

Como vivenciamos neste período de drásticas mudanças e isolamento social um momento atípico, alguns autores classificam estas atividades educacionais diferentemente da

conhecida Educação a Distância (EaD), do ensino híbrido e do ensino remoto. Considero aqui a EaD como uma modalidade de ensino onde o estudante faz uso de um material pronto, determinado e planejado anteriormente, com um acompanhamento, ou monitoramento dos docentes a partir dos meios de comunicação remotos disponíveis (Hodges *et al.*, 2020 *apud* Finelli; Ruas, 2022, p. 207). Já o ensino remoto se caracteriza como

[...] toda modalidade de ensino em que o material é produzido, disponibilizado, e, acessado de forma remota, ou seja, mediado pelo uso das TICs para superar a barreira do georreferenciamento, mas que se dá de forma síncrona entre professor e aluno. Tal costuma se dar a partir de transmissão online pela internet mediante o uso de alguma plataforma de comunicação ou por ambientes virtuais de aprendizagem, mas não se restringe a tais (Finelli; Ruas, 2022, p. 208).

Já ao colocarmos em consideração o conceito de ensino híbrido, podemos afirmar ser uma modalidade de ensino que busca unir o ambiente e o modelo presencial com as abordagens e propostas da educação remota/EaD. Dessa forma, o ambiente da sala da aula não se limita a um único lugar, mas transita entre esses dois espaços (Finelli; Ruas, 2022, p. 208). Esta prática educacional foi bastante explorada no processo de transição para o retorno presencial, no momento em que as contaminações foram sendo amenizadas. Já ao discutirmos sobre a nossa recente experiência remota forçada, Hodges *et al.* (2020 *apud* Barros, 2020, p. 294) denominam as práticas educacionais durante a pandemia como Ensino Remoto Emergencial (ERE), que apresenta um caráter provisório e adaptativo.

O modelo EaD, já conhecido e difundido nos dias de hoje, teve no Brasil como destaque em seu início a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que utilizavam este modelo educacional para a formação de professores (Silva, 2021, p. 16). Apesar das tecnologias atuais possibilitarem encontros síncronos através de videoconferência, e da Educação a Distância proporcionar uma liberdade de planejamentos, caminhos metodológicos e ferramentas, a forma mais comum de execução do modelo ainda se encontra nas aulas gravadas em vídeo, disponibilização de livros eletrônicos e apostilas para *download* (Silva, 2021, p. 17). Uma justificativa para tal “padronização” talvez se dê ao nos depararmos com o início deste modelo educacional no Século XX, ainda sem o uso da internet, sendo assim, as ferramentas assíncronas tomaram grande força neste tipo de ensino.

Porém, ao procurar distinguir estes dois tipos de ensino, devemos olhar com bastante cautela e perceber que a diferença entre eles não está na simples separação entre síncrono e assíncrono, visto que ambos os contextos de ensino se utilizam hoje em dia dos dois modos. A diferença está no caráter provisório do Ensino Remoto Emergencial. Enquanto os cursos no modelo EaD são pensados, planejados e executados neste formato, o ERE consiste em ser uma prática de ensino temporário e não definitivo, que visa a adaptação repentina de um contexto educacional, devido algum acontecimento extraordinário e urgente, como é o caso da pandemia da covid-19. Como aponta Barros (2020):

A principal característica do Ensino Remoto Emergencial reside no fato deste apresentar soluções temporárias de educação completamente remota e/ou híbrida para situações originalmente presenciais, com possível retorno ao formato inicial após o período agudo da crise (Barros, 2020, p. 294).

Sendo assim, o Ensino Remoto Emergencial não é propriamente um modelo de ensino, ou apresenta uma metodologia própria, mas é a tentativa de solução de uma ocasião extraordinária, visando o retorno, assim que possível, das práticas de ensino realizadas anteriormente.

Ao discorrer sobre as dificuldades enfrentadas no ERE, Barros (2020, p. 298) aponta que o acesso a internet no Brasil não é algo de forma alguma universal, e é uma grande parte das barreiras encontradas no ensino de música em períodos pandêmicos. De acordo com o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), que realizou uma pesquisa no ano de 2018, a respeito da utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) nas residências do Brasil, cerca de 67% dos domicílios no país tinham acesso a internet (CETIC, 2019, p. 104 *apud* Barros, 2020, p. 298).

Temos que levar ainda em consideração que dentro das possibilidades de acesso a internet, seja através de um provedor de banda larga, ou através das conexões móveis via *chip* (3G, 4G e 5G), contamos com uma enorme variação na qualidade das conexões, principalmente quanto a estabilidade e a velocidade, acarretando muitas vezes na impossibilidade da utilização de certas ferramentas que exigem tal estabilidade e velocidade, como as plataformas de videoconferência (Zoom, Google Meet, Skype, entre outras).

Para os contextos com pouco acesso, seja por instabilidade, velocidade ou outros aspectos, a sugestão é que se utilize mais dos canais de mensagem instantânea, como o

WhatsApp e o Telegram, a partir da troca de mensagens de textos e da troca de arquivos (fotos, vídeos e áudios). Porém, Barros (2020) não deixa de pontuar que estas plataformas têm seus limites principalmente no tamanho dos arquivos enviados.

Para os outros contextos com maior acesso à internet, recomenda-se às plataformas de videoconferência que possuem compartilhamento de tela e de áudio (Zoom, Google Meet), além da utilização dos *streamings* de música (Spotify, Deezer, *etc.*), ou seja, das plataformas que disponibilizam legalmente, através de uma assinatura mensal ou na sua forma gratuita, as gravações de músicas que estão no mercado.

A partir da minha própria experiência como estudante do curso de licenciatura em música durante a pandemia, e observando os diversos autores que têm discorrido sobre essa circunstância, é importante notar que a maior dificuldade no âmbito do ensino e aprendizagem de música está no foco específico do ensino de instrumento. Ao apontar a dificuldade de se transportar as práticas de instrumento musical usuais ao ambiente remoto *online*, é importante tomar conhecimento das práticas recorrentes da cultura digital dentro do meio musical (Barros, 2020, p. 295). Porém, neste aspecto, não nos limitamos somente aos cursos e aulas de instrumento, o distanciamento dos docentes quanto a esta cultura e a falta de formação quanto às tecnologias disponíveis e o seu uso na educação musical dificultam também todas as outras áreas do conhecimento musical. Para Barros (2020), o desconhecimento e preconceito dos professores para com as práticas já comuns no meio digital anteriores à pandemia é parte fundamental dessa problemática.

Faz-se necessário, para olharmos adiante no ensino de música, focarmos na formação dos profissionais da educação em relação ao conhecimento das práticas da cultura estabelecida no meio digital, bem como das novas tecnologias e dos novos equipamentos que surgem como facilitadores deste trabalho através da internet. Assim, teremos professores capacitados não somente para uma possível situação extraordinária, mas também para a aplicação destes conhecimentos nas suas práticas educacionais atuais.

3.2 A formação docente e a sala de aula virtual: para onde vamos?

Ao passarmos por este período de adaptação repentina, e ao nos depararmos com uma grande lacuna nos conhecimentos e habilidades dos docentes que atuaram no ensino remoto emergencial durante a pandemia, podemos elencar algumas temáticas necessárias para o

processo inicial de formação dos professores de música, a fim de que estas lacunas possam ser preenchidas ou amenizadas. Segundo Barros e Beltrame (2022, p. 13), alguns dos pontos essenciais para a esta formação são:

– questões relacionadas ao letramento digital, domínio das técnicas de funcionamento das diferentes plataformas e ambientes virtuais de aprendizagem (AVA); – planejamento de aulas e programas de ensino para os diferentes formatos, plataformas, ambientes e abordagem de ensino (híbrido, EaD, remoto); – discussões sobre processos colaborativos de aprendizagem, bem como especificidades dos trabalhos em grupo e da dinâmica de metodologias ativas de ensino-aprendizagem (Barros; Beltrame, 2022, p. 13).

Observando os relatos de experiência, diversas outras pesquisas e também minha própria experiência no período pandêmico como aluno do curso de Licenciatura em Música na UFPB, percebo que essa falta de preparo dos professores e a falta de conhecimento e interação com a cultura participativa digital resulta numa tentativa de replicar os moldes tradicionais do ensino presencial dentro do ambiente remoto *online*, buscando, de acordo com a possibilidade e limitação dos recursos tecnológicos, repetir a mesma carga-horária, metodologia e quantidade de conteúdo de um curso presencial. Na maior parte dos casos, como também citam Barros e Beltrame (2022, p. 6) através das suas experiências nas instituições de ensino: “[...] a maioria das aulas está sendo organizada de maneira síncrona [...]” (Barros; Beltrame, 2022, p. 6).

Porém, quando observamos as possibilidades de trabalho no ensino de música remotamente, considerando os modelos síncronos e assíncronos, bem como as diferentes ferramentas tecnológicas disponíveis para cada um desses modelos, percebemos que não podemos nos limitar somente a uma mera reprodução das práticas tradicionais do ensino presencial. Precisamos entender como uma série de fatores, antes fixos e não maleáveis no espaço físico da sala de aula, agora encontram um caráter adaptável no ensino remoto.

Como apontado, há em primeiro lugar uma transferência de espaço, o encontro fixo na sala de aula dá lugar agora às residências, nos quartos privados, salas de estar, cozinhas, ou quaisquer outros cômodos de escolha ou de possibilidade dos docentes e estudantes. As interações familiares, o barulho das atividades domésticas e o som das ruas de cada casa agora se entrelaçam com as aulas síncronas realizadas, com as gravações de áudio e vídeo e tantos outros aspectos do Ensino Remoto Emergencial. O ambiente que antes era exclusivo para a

finalidade educacional, agora passa a ocupar o mesmo lugar de outros indivíduos que estão fazendo outras atividades. Assim, se faz necessário formular uma prática pedagógica específica para este novo contexto.

Dessa forma, o espaço da sala de aula, que no presencial tinha um formato específico, um local, uma organização, agora ocupa um lugar chamado virtual. Nele, diferentes pessoas habitam, convivem e fazem coisas diferentes utilizando o mesmo espaço físico, de onde se assistem às aulas, ministram-se aulas, realizam-se atividades e tarefas. Tudo isso, normalmente dentro das casas, reconfigurando totalmente o espaço onde se ensina e aprende. Agora, com interferências das pessoas que estão no mesmo espaço físico, mas não necessariamente fazendo as mesmas atividades. É com um espaço virtual onde se armazenam e se compartilham as aprendizagens produzidas e construídas, seja por parte dos estudantes, seja por parte dos professores. Trata-se de um espaço que necessita ser revisto e reconfigurado (Barros; Beltrame, 2022, p. 5).

Considerando as possibilidades e limitações síncronas e assíncronas de cada realidade, como também este aspecto da convivência de diversos indivíduos que coabitam, realizando diversas atividades diferente no mesmo tempo, podemos apontar que a relação de tempo e espaço do ensino remoto emergencial deve ser observado de uma maneira diferente. A carga horária do ensino presencial deve assumir um novo formato, se adaptando às necessidades deste novo espaço. As atividades assíncronas apresentam um horário mais flexível, deixando com que os estudantes as adaptem às suas rotinas, que sofrem influência das atividades das outras pessoas, principalmente quando falamos de música, onde às vezes é necessário, por ocasião de uma gravação ou algum outro motivo, que haja um certo grau de silêncio no ambiente. Barros e Beltrame (2022) fazem esta indagação:

A mesma carga horária ministrada no presencial é apenas transposta para uma aula síncrona via plataforma de videoconferência. Será que o tempo virtual é o mesmo do presencial? Depois de mais de um ano trabalhando de forma remota virtual, já é possível responder que não. Então, é possível afirmar que a marginalização do espaço virtual pode estar relacionada ao gerenciamento e planejamento de tempo que não confere com a realidade do virtual, seja ela de recursos e equipamentos, local, acesso a internet e de uma necessidade de readequação do conteúdo e metodologia para caber nesse tempo/espaço e não o contrário. Talvez marginalize-se porque a tentativa foi de obter os mesmos resultados, utilizando as mesmas metodologias, mas para um espaço/tempo que é diferente (Barros; Beltrame, 2022, p. 6).

Apesar desta experiência repentina com o ensino remoto emergencial, e da importância de analisarmos e refletirmos sobre toda a prática pedagógica realizada neste período, também é importante voltar o olhar para a realidade que vivemos hoje, onde as atividades presenciais foram aos poucos tendo seu retorno, e no momento atual estão estabilizadas neste modelo. Quais práticas são adequadas para este retorno? O que aprendemos durante o ERE que pode ser aproveitado no modelo presencial? Barros e Beltrame (2022) também fazem estes questionamentos e apontam a viabilidade de um modelo híbrido de ensino.

Porém, vale ressaltar que o conceito de ensino híbrido apresentou algumas distorções no período em que foi utilizado em muitas situações de retorno às atividades presenciais, principalmente nas escolas. Na maior parte dos casos pudemos observar, a fim de garantir uma rotatividade de alunos nas instituições de ensino, a mera transmissão *online* da aula que ocorria presencialmente. Uma parcela dos estudantes comparecia ao encontro presencial, enquanto outra parte assistia a transmissão deste encontro em casa. Bacich (2020 *apud* Barros; Beltrame, 2022, p. 11) problematiza esse tipo de concepção a respeito do ensino híbrido, que busca considerar qualquer arranjo misto entre o presencial e o remoto como parte desta modalidade.

Em contraponto a este tipo de concepção de ensino híbrido comumente utilizada durante a pandemia da covid-19, temos a experiência de Beltrame e Garcia (2020), como mostram em seu estudo de caso. Para a construção da pesquisa, foi elaborado um curso híbrido de violão pelos integrantes do Grupo de Pesquisa em Tecnologias e Educação Musical (Tedum), vinculado à extensão da UFPB. O curso foi pensado para proporcionar uma experiência híbrida de fato, que não está focada na rotatividade de estudantes, mas sim na possibilidade de apresentar os conteúdos alternadamente entre o espaço presencial e os encontros remotos e síncronos. Dessa forma, parte destes conteúdos são trabalhados e apresentados remotamente, e outra parte presencialmente, sendo ambas as experiências indispensáveis para a progressão do aprendizado no curso (Beltrame; Garcia, 2020, p. 280).

Utilizando ou não este modelo híbrido de ensino como uma possibilidade para este período pós pandemia, é importante olharmos para o presente e para o futuro com a bagagem adquirida nos últimos anos, onde percebemos a urgência da formação docente na área da tecnologia e dos meios digitais. Sendo assim, poderemos incluir as novas habilidades e conhecimentos, frutos da experiência do ensino remoto emergencial, mas também do contato com as práticas remotas existentes e comuns da cultura digital e musical muito antes deste período atípico.

Concluindo, considero que cada tema abordado neste capítulo é importante para a conexão e para a contextualização dos dados coletados neste trabalho com os outros relatos apresentados anteriormente, como também com as discussões dos conceitos, desafios e possibilidades. Como passamos por uma situação atípica e inesperada, torna-se necessário uma contextualização, perceber que passamos pela experiência de um ensino de caráter provisório (ERE), bem como a falta de preparo dos profissionais da educação musical para lidar com este tipo de surpresa, por desconhecimento das práticas já consolidadas no meio. Por fim, nos resta agora retirar os pontos positivos desta vivência, buscando trazer para o ensino atual as habilidades, conhecimentos e ferramentas adquiridas neste período, realizando uma reflexiva e fundamentada adaptação.

4 O ENSINO DE VIOLÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: EXPERIÊNCIAS E RETORNO AO PRESENCIAL

Nesta parte do trabalho, exponho a análise dos dados coletados e os resultados da pesquisa. Essa, como citado anteriormente, teve como objetivo geral: *Compreender e analisar como se realizou a adaptação dos professores de violão de uma escola especializada de música “X” para o ensino remoto de violão*. Os dados foram coletados por meio de entrevista com três docentes de violão de uma escola especializada em música da cidade de João Pessoa (PB).

Sendo assim, com o objetivo de melhor organizar a apresentação desta parte do trabalho, a análise foi dividida em três partes: A experiência docente e o tempo de preparação; Adaptação – desafios e a busca por soluções; Ensino presencial no pós-pandemia. Na primeira seção, serão apresentados e interpretados dados descritivos da experiência prévia dos docentes. Já na segunda, serão abordados aspectos relativos ao processo de adaptação dos professores, permeando as dificuldades encontradas e a busca pelas superações. Por fim, na última subdivisão, serão abordados os recursos da experiência remota e a utilização deles na prática de ensino no pós-pandemia, pontuando também os pontos positivos da experiência.

4.1 A experiência docente e o tempo de preparação

Ao adentrarmos na experiência docente, algumas características iniciais são importantes para uma melhor compreensão de todo o processo de atuação dos docentes durante a pandemia. Neste aspecto, abordarei brevemente, no início da análise, características da experiência dos professores em período anterior à pandemia, considerando os possíveis impactos na atuação no meio remoto em seguida. Além disso, abordarei também algumas poucas características do processo de preparação para o início do ensino remoto.

O tempo de atuação dos professores na escola é um dos elementos a serem considerados valiosos nesse sentido. É interessante citar que dois dos três participantes da pesquisa são docentes da escola há mais de 20 anos, como pode ser observado na própria fala dos professores: “Rapaz, eu acho que trabalho aqui há cerca de vinte e cinco anos” (Professor A, entrevista, 2023); “Na escola, já faz... trinta anos já, mais de trinta anos” (Professor B, entrevista, 2023). Já o professor C, afirmou trabalhar na escola desde o ano de 2014. É

possível afirmar que todos os participantes, principalmente os Professores A e B, apresentam uma longa experiência de sala de aula de instrumento. Essa característica, no entanto, se resume à prática de ensino presencial, não se replicando ao contexto remoto.

Apesar dos anos de experiência presencial, ou das décadas em alguns casos, os docentes não possuíam nenhuma experiência no ensino remoto através da internet anterior ao Ensino Remoto Emergencial (ERE) na pandemia. Esta falta de experiência prévia pode ter tido significativa influência nos desafios que surgiram para os professores nessa urgente transferência das atividades do meio presencial para o meio remoto, e que serão melhor tratados na próxima seção da análise.

A experiência dos professores durante todo o tempo de ensino na escola especializada em música se deu, em grande maioria, através de aulas individuais de violão, com turmas de um(a) único(a) aluno(a). Quanto a este ponto, algumas exceções ocorreram na experiência dos docentes em época anterior à pandemia, devido à alta demanda da escola, como podemos observar na fala do professor A: “são individuais. Tinha uma época que a gente fazia no máximo dois alunos né, mas são individuais” (Professor A, entrevista, 2023). Em concordância, o professor C expõe a mesma questão: “é individual, todas individuais. Em alguns semestres eu já peguei fazer em dupla, né, devido a demanda, né, da escola.” (Professor C, entrevista, 2023).

Essa informação é relevante para uma melhor compreensão do trabalho dos docentes durante o ensino remoto, e de que tipo de desafios apareceram no percurso, uma vez que o ensino coletivo de instrumento musical exigiria adequações diferentes de metodologia, tempo, planejamento, e outros aspectos relativos a preparação e a sala de aula, nesse caso, *online*.

Porém, antes propriamente do início das aulas remotas, no período entre a suspensão das aulas presenciais devido os decretos vigentes e o período de volta às aulas, os docentes, juntamente com a direção e com outros setores se voltaram a preparação para o retorno remoto. Nesse sentido, os funcionários da escola especializada, incluindo os professores, se reuniram para discutir e definir os caminhos para a efetivação das aulas *online* e os meios necessários para tal, como podemos observar na fala do Professor B:

Então acredito que teve um período, num me lembro qual foi o tempo de formalizar isso via né, direção da escola, para que todos realmente pudessem fazer um trabalho, né, orientado pela supervisão, pela direção da escola. [...] para combinar como é que seria, certo. A duração da aula se seria o mesmo, o que é que o aluno precisaria ter, o que o professor precisaria ter, como é

que seria esse registro de aula. Tudo isso feito de uma forma remota, então a escola teve que se adaptar também para que pudesse ter um tipo de caderneta ou alguma coisa que pudesse registrar essas atividades (Professor B, entrevista, 2023).

Podemos observar na fala do docente algumas preocupações levantadas nesse processo de preparação para a volta as aulas. Houve neste momento, um cuidado para levantar o que seria necessário tanto para os professores como para os alunos. Além disso, gostaria de destacar o fato de ter sido discutido a duração das aulas no formato remoto, que mesmo não tendo sido especificado se essa duração foi mantida ou não, a fala que foi posta mostra um indício de preocupação por parte da escola neste aspecto. Visto que os recursos utilizados são diferentes da aula presencial, e que o meio deixa de ser o espaço presencial da sala de aula e passa a ser o meio das plataformas digitais, torna-se importante uma nova visão quanto ao planejamento do tempo disposto para as aulas no meio virtual, isso, principalmente quando consideramos as inúmeras possibilidades de atividades síncronas e assíncronas, e as adequações metodológicas necessárias ao digital (Barros, Beltrame, 2022, p. 6).

Unindo as informações apresentadas até o momento, vale salientar que o tempo entre a suspensão das aulas e a volta das mesmas para a conclusão do semestre que havia sido interrompido foi de menos de 2 meses. Sendo assim, este foi o tempo disponível não só para que fosse realizada a preparação para um possível retorno *online*, mas também para as devidas adequações em diversos aspectos da vida de todos os professores (como também dos alunos) provocadas pela pandemia. Quando consideramos o pouco tempo disponível, a falta de experiência prévia dos docentes no ensino remoto/a distância e as diversas mudanças que se fizeram necessárias na vida cotidiana de todos, pode-se concluir que todos estes aspectos podem ter refletido em percalços e desafios que dificultaram um processo de ensino-aprendizagem mais eficaz.

4.2 Adaptação – mudança de contexto, limitações das aulas síncronas e a busca por soluções nas ferramentas assíncronas.

Voltando o olhar propriamente para o planejamento e a realização das aulas, algumas informações dessa experiência dos docentes se mostram importantes para compreendermos melhor essas duas etapas. Essas etapas serão abordadas com foco no ensino, metodologia,

materiais, desafios e soluções. Inicialmente, tratarei de dois aspectos relativos ao planejamento: o material e a escolha das plataformas.

Sobre o primeiro aspecto, os materiais escolhidos como base pelos professores em grande ou toda parte giraram em torno da leitura de partitura, seja a partir do próprio repertório trabalhado no semestre, seja a partir de algum método de violão contendo exercícios e peças (repertório).

O professor C aponta que manteve o material das aulas presenciais: “Era o mesmo material, né, que a gente vinha usando, [...] De início a gente trabalha com Henrique Pinto, né, que isso aí é um método que eu acho muito extraordinário. É... eu mandava o PDF do livro.” (Professor C, entrevista, 2023). Como apontado, o docente disponibilizava um dos livros do Henrique Pinto, professor e violonista do século XX conhecido no meio do violão instrumental, que publicou dois livros de iniciação ao violão, além de outras obras voltadas para o instrumento, sendo todas as obras costumeiramente adotadas nos conservatórios de música.

Já o Professor A, apontou ter utilizado materiais voltados para exercícios de técnica do instrumento para os alunos mais iniciantes. Além disso, para aqueles que já estavam mais adiantados, o material se resumia ao repertório a ser trabalhado no semestre, como pode ser observado em sua própria fala:

O material era aquela coisa, o repertório. [...] Antes disso eu já tinha preparado um material, que eu fiz uma compilação até de exercício de violão, um material em PDF, e eu mandava pra esses alunos que era o pessoal iniciante, né. E os outros é... os mais adiantados, eu mandava o material, óh, é... era só a construção, que tinha gente que estava trabalhando mais na construção do repertório (Professor A, entrevista, 2023).

Podemos observar na fala de ambos os professores que, em relação ao material, não houve distinção, de forma geral, da prática deles de escolha de material em comparação ao ensino presencial prévio. Apesar de ter sido um elemento a ser mantido no ERE, a maneira como o repertório e os exercícios eram disponibilizados, pela própria natureza do trabalho unicamente digital, foi distinta, sendo disponibilizados digitalmente via PDF.

Dessa distinção, surgiu um dos desafios enfrentados pelo Professor A, durante esse período de mudanças. No ensino presencial, a escola dispunha (e na volta presencial ainda dispõe) de uma musicoteca, ou seja, de uma biblioteca de partituras. Sendo assim, era possível a cópia de partituras impressas facilmente disponíveis. Com o início das aulas remotas na pandemia, essa possibilidade foi suspensa, e o repertório e os exercícios passaram a ser

disponibilizados em formato digital (PDF), porém, foi colocado pelo professor que havia uma certa dificuldade em ter em formato digital determinadas partituras, o que ocasionou um certo trabalho a mais referente ao material, como podemos observar em sua própria fala:

O material foi, para mim, é... foi um dos grandes problemas deste período, porque tinha muita coisa que eu não tinha no formato digital e a gente como não estava presencial, não tinha essa facilidade de você, ah, “óh, tu vais tocar essa partitura” e eu vou aqui na musicoteca imprimo e entrego pro aluno, a gente não tava como esse tipo de procedimento porque não estava sendo presencial (Professor A, entrevista, 2023).

Como apontado pelo docente, existia certa facilidade nessa prática, e considero de certa forma uma prática habitual e cômoda em certo nível, que teve de ser alterada obrigatoriamente. Apesar disso, o professor encontrou uma solução para esta problemática por meio de um “trabalho manual” já bastante difundido no meio dos computadores muito antes da internet como conhecemos nos dias de hoje, e que foi muito mais proliferado e aperfeiçoado com a chegada e o avanço dela: os programas de edição de partitura. Como podemos observar na fala do professor:

Aí o que é que acontecia... Muitas vezes eu tinha que editar partitura no computador, né. Eu prefiro até editar, eu tenho um editor de partitura e tal. Muscore. Eu editava minhas partituras, eu tinha uma certa facilidade porque eu já trabalhei com informática, né, aí num instante pegava. Aí eu editava o material e mandava pros alunos, em PDF, formato PDF (Professor A, entrevista, 2023).

É importante destacar que o docente apontou ter certa facilidade neste aspecto, se tratando das tecnologias da informática. Esse tipo de familiaridade por parte do professor, permite que ele possa encontrar uma solução mais facilmente para determinado desafio no ensino remoto, ou até mesmo encontrar alguma utilidade em ferramentas já conhecidas por ele, mas que não foram pensadas para o fim da educação musical. Sendo assim, deve-se pensar nesse tipo de habilidade não como um facilitador que o fez ter menos trabalho que outros, mas como um meio de encontrar soluções que auxiliem no aprendizado dos alunos. Uma informação disponibilizada pelo professor e que nos ajuda a voltar o olhar para esta fala de uma outra forma é a idade em que ele se encontra.

Ele informou ter uma idade já um pouco avançada (por volta dos 60 anos): “eu vou fazer 60 esse ano” (Professor A, entrevista, 2023). Sendo assim, estamos nos referindo a alguém que não nasceu e cresceu em seus primeiros anos de vida inserido no meio da cultura digital, com todo o acesso às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Diferentes dos nativos digitais, que são aqueles que cresceram desde a terna idade cercados das TICs, principalmente das digitais, aqueles que se aproximaram dessas tecnologias de maneira tardia são considerados imigrantes digitais, sendo necessária uma maior adaptação à utilização destas ferramentas a depender do interesse de cada um (Prensky, 2001 *apud* Coelho; Costa; Neto, 2018, p. 1801-1802). Essa facilidade foi reforçada diversas vezes pelo docente em suas falas, como veremos no decorrer da análise, e considero um importante ponto para compreender como ele adaptou seu ensino às aulas *online*, visto que as dificuldades relacionadas à falta de intimidade com as tecnologias digitais foram, no mínimo, reduzidas pela experiência prévia.

Apesar dessa facilidade por parte do professor, ele relatou ter enfrentado algumas dificuldades quanto a familiaridade por partes dos alunos com o aparelho celular, complicando a visualização dos arquivos por parte dos alunos. Isso, podemos verificar em sua própria fala:

Fora também, às vezes, é... pegava pessoas que não tinham muita... muita desenvoltura nessa parte até de usar o celular em algumas situações. Por exemplo: “vou mandar um arquivo e tal”, aí se perdia onde é que tava o arquivo, sabe. “Professor, você não mandou não” e tal... Tinha algumas dificuldades técnicas, mas assim, mais de intimidade com os dispositivos móveis (Professor A, entrevista, 2023).

É interessante notar que, mesmo a partir da realização das aulas através do *WhatsApp* nos aparelhos celulares, que costumam ser mais acessíveis e mais atrelados ao dia a dia das pessoas, o docente experienciou uma falta de intimidade com esses dispositivos por parte dos alunos. Como evidenciam os dados, esses problemas puramente técnicos relacionados aos aparelhos eletrônicos impossibilitam a realização das aulas de maneira mais fluida, ao menos das primeiras, uma vez que uma parte considerável do tempo destinado a aula por vezes pode ser voltado para a resolução de problemas técnicos. Problemas esses que muitas vezes não se encontram nas limitações técnicas dos recursos disponíveis, mas no próprio manusear. Torna-se importante um preparo prévio para que os alunos se antecipem anteriormente em saber aquilo que será necessário conhecer para bem participar desse tipo de ensino.

Além do cuidado com o material, um outro aspecto que teve que ser pensado e definido para as aulas no ERE gira em torno da utilização das plataformas. Nesse sentido, as aulas foram planejadas para serem efetuadas por meio de videoconferência, tentando então assemelhar-se à característica de sincronia do ensino presencial. Para isso, apesar de certa variedade, todos os professores trabalharam com plataformas que, ou foram criadas para chamadas de áudio e vídeo, ou possuem essa funcionalidade. Todos os três docentes trabalharam com a plataforma Google Meet, bastante utilizada em tempos de pandemia, porém, outras plataformas também foram utilizadas, como o Zoom e o WhatsApp (por meio de chamada de vídeo).

Houve nesse sentido, por parte de um dos professores, uma preocupação de qual seria a melhor plataforma para o uso na opinião dos alunos, como podemos observar em sua fala: [...] “Olhe, a gente vai fazer pelo Meet”, isso foi individual, cada um baixava o Meet. E como a gente recebia da escola a lista dos alunos, a gente fazia o contato e avisava “olha, baixa é... qual a melhor plataforma que você consegue usar?” [...] (Professor C, entrevista, 2023). Sendo assim, observamos uma flexibilidade por parte do professor para que o aluno pudesse escolher a depender da sua familiaridade, disponibilidade ou até mesmo preferência pela plataforma a ser utilizada nas aulas. Com esse olhar mais preocupado com o que é familiar para o aluno, o professor pôde proporcionar uma experiência de ensino que tende a ser mais fluida, uma vez que a quantidade de coisas a serem adaptadas no processo pode diminuir em certo nível, evitando problemas de falta de familiaridade que citava acima.

Da experiência dos encontros síncronos através dessas plataformas por meio de videoconferência surgiram algumas dificuldades enfrentadas pelos docentes durante o período pandêmico. Uma dessas dificuldades foi a falha na conexão de internet, que por algumas vezes dificultou ou impossibilitou a execução das aulas. Alguns docentes relataram que certas vezes o sinal de internet não permitiu de fato que a aula ocorresse, ou acabou sendo realizada em menor tempo. Como podemos observar na fala do professor A:

Às vezes, inclusive teve situação que eu estava fazendo a aula, o sinal caiu geral de lá da residência do aluno, não consegui conectar e a aula ficou perdida. Ou seja, teve situações que em vez de fazer a aula na íntegra, ficou o que... um terço da aula, ou as vezes a metade da aula, sabe, porque caiu o sinal (Professor A, entrevista, 2023).

Pela fala do docente juntamente com as dos outros, percebo, no entanto, que esse não foi o maior dos obstáculos a serem enfrentados no período da pandemia pelos professores, sendo inclusive pouquíssimo citado. Alguns outros problemas foram bem mais enfatizados

por eles, como por exemplo a qualidade do som comprometida durante as videochamadas, ou problemas relacionados a imagem.

Quanto ao primeiro ponto, não somente a conexão de internet foi um empecilho, mas também a limitação dos equipamentos, devido a muito dos alunos estarem limitados a assistirem as aulas através dos celulares, limitando-se então a captação de áudio do microfone do smartphone. Como podemos observar na fala do professor A:

A captação era pelo, de todo mundo, de todo mundo sem exceção, a captação do som era pelo microfone do celular. A transmissão não era boa via WhatsApp. Inclusive tinham algumas situações engraçadas que, quando eu mandava o aluno tocar, parecia que ele estava tocando uma guitarra com pedal de distorção, aquele som bem... parecia, as vezes ficava assim (Professor A, entrevista, 2023).

Apesar de haver uma gama de modelos dos dispositivos móveis disponíveis no mercado e uma variedade na qualidade dos microfones deles, dificilmente eles superam os microfones a parte, por serem equipamentos dedicados unicamente a captação de áudio. Além disso, o docente apontou sobre a qualidade também da transmissão do WhatsApp, “não era boa”. É importante apontar que o aplicativo de mensagens instantâneas não apresenta como uma das principais utilidades a chamada de vídeo, sendo muito mais comumente utilizado para troca de mensagens rápidas (sendo elaborado de início com esse fim) e arquivos de tamanho pequeno.

Já o professor B, apontou que também encontrou dificuldades relacionadas ao áudio durante as chamadas de vídeo, comparando ao som real do instrumento presente. Sendo assim, foi difícil perceber no período remoto que tipo de som o aluno estava extraíndo do instrumento, como podemos observar na sua própria fala:

Que som você está conseguindo tirar com o aluno dali? Porque pessoalmente você tá escutando, você tá escutando o violão, você tá escutando, né, a sonoridade, tá vendo como é que tá a unha do aluno, que som ele tá tirando. E através de um celular você não tá escutando um instrumento, você está escutando, né, um efeito eletrônico ali que é terrível, pra quem tá acostumado com o som do violão acústico em sala de aula, então, é... (Professor B, entrevista, 2023).

Dentro da perspectiva apresentada, novamente encontramos a limitação dos aparelhos celulares. Porém, é importante colocar que esta é uma realidade de difícil mudança a depender do contexto de cada aluno. O docente em suas falas demonstrou ter tido um maior cuidado

nesse período com os equipamentos utilizados, adquirindo ele mesmo dispositivos melhores para uma melhor visualização, uma boa câmera, e para uma melhor captação de áudio, um microfone. Apesar disso, essa melhoria não era uma cobrança possível a se fazer aos alunos: [...] mas a gente não podia cobrar. Tinha aluno que só tinha o celular, e não tinha condições da gente... [...] (Professor B, entrevista, 2023). Além disso, o docente experienciou também a falta de aparelho celular disponível para o aluno, devido à um compartilhamento necessário entre irmãos, tornando inviável a efetivação da aula, como podemos ver em sua fala: “As vezes é a internet, o bairro que não tem internet, é um celular para os dois irmãos terem aula, um tá no colégio e o outro tá tendo aula de violão...” (Professor B, entrevista, 2023). Aires Filho, Santos e Marinho (2020, p. 11), ao se referirem as questões técnicas do uso das tecnologias, depois de uma experiência de ensino de violão no período pandêmico, afirmam através de um relato de experiência:

[...] Podemos, com isso, entender que o universo da aula ao vivo online é bastante desafiador para todos os envolvidos. Requer um investimento em equipamentos e serviços de internet para que as falhas sejam diminuídas, mas depende em muito da boa vontade e criatividade do professor em envolver a turma nessa realidade para que as soluções apareçam (Aires Filho; Santos; Marinho, 2020, p. 11).

Essas limitações técnicas apontam uma necessidade de investimento, mas não podem se resumir a isso, uma vez que nem todos possuem a condição de efetuar as melhorias necessárias através da aquisição de equipamentos novos. Sendo assim, é necessária uma reinvenção por parte do professor para busca de alternativas. Essas alternativas foram necessárias não só pelo aspecto da precariedade do som, mas também de um segundo ponto importante: a imagem.

A experiência de visualização no período do ERE foi para os docentes um grande desafio, destacando-se a falta de mobilidade da visão do aluno e do docente. Os professores relataram a dificuldade de trabalhar com ângulo de visão fixo, que os impedia de ter um olhar mais amplo para a postura dos alunos, para a posição das mãos, entre outras características visuais. O professor A destacou como essa inflexibilidade visual foi prejudicial para passar questões técnicas para os alunos, destacando a falta de flexibilidade dos alunos em visualizá-lo por outros ângulos, como aponta em sua fala:

Eu estou mostrando a ele simultaneamente uma coisa que engloba, uma coisa de técnica passada e não sei que, que compreende aspectos técnicos da mão direita e da mão esquerda, é muito diferente do presencial né, porque você fica com uma visão estática lá da minha câmera, né. E quando a gente está presencial não [...] Você tá mostrando pro aluno, o aluno pode esticar o pescoço assim pra ver mais: “Ah, professor, deixa eu ver melhor aí tua mão direito, como é que o senhor ta fazendo” (Professor A, entrevista, 2023).

A solução encontrada para esse obstáculo foi a manipulação da câmera e da posição dos alunos e do professor em relação a câmera, por vezes sendo necessário segurar o violão em uma outra postura que não a habitual para a melhor visualização de alguma posição das mãos: “[...] “Oh, minha mão esquerda vai ficar assim”, aí virava de costas para a câmera. Às vezes pegava o violão e botava numa posição que não é a posição de se segurar para poder mostrar a mão direita como é que vai caber [...]” (Professor A, entrevista, 2023). Vemos nesta fala que o professor teve que, nesse período de ensino, improvisar formas não usuais de se portar em relação ao instrumento e em relação a visão do aluno, passando certa impressão de que é muito importante que ele entenda aquilo que está sendo passado. Mesmo sendo um pequeno exemplo de um pequeno esforço ou de uma pequena mudança, nos aponta para a necessidade de reinvenção por parte dos docentes que foi exigida pela pandemia. Dessa forma, o professor pôde proporcionar diferentes visões de si para o aluno, algo que no ensino presencial é muito mais naturalmente e facilmente contornado.

Outro aspecto destacado por outro docente (professor B) foi a limitação de muitos alunos ao aparelho celular, não sendo disponível o acesso através de um computador, sendo uma limitação para a visualização das informações do professor: “[...] que a grande dificuldade que eu senti foi visualização do aluno, muitas vezes o aluno não tinha um notebook, tinha aula através de um celular, como é que ele ia visualizar uma informação do professor? [...]” (Professor B, entrevista, 2023).

Além dos dois aspectos apresentados até o momento, ou seja, alguns problemas relacionados a som e a imagem durante o ERE, um terceiro aspecto relacionado ao ensino nesse período e que dificultou o trabalho dos professores foi a falta de contato físico com os alunos durante as aulas. Nesse sentido, alguns professores sentiram falta de poder realizar esse tipo de contato para correção das posturas de uma forma geral, do corpo e das mãos, que era comum no ensino presencial, como aponta o professor B:

[...] Eu acho que a diferença é muito grande. Presencial olho e olho com o aluno, você tem condições de pegar na mão do aluno, é... colocar um posicionamento no polegar... Posicionamento de ombro, posicionamento de perna do banquinho, é... o ângulo de ataque dos dedos, você pode, né, orientar, pegando na mão do aluno, mostrando para ele, executando, né [...]
(Professor B, entrevista, 2023).

Enxergo na fala do docente um olhar centrado naquela possibilidade ausente, ou seja, naquele tipo de procedimento que era de seu costume no ensino presencial, mas que não era mais possível no ensino remoto. Creio que essa forma de se deter àquilo que não é mais viável pode, de certa forma, limitar o olhar daquele (seja quem for) que precisa de uma nova solução em um novo contexto, não permitindo que se olhe para as possibilidades disponíveis naquele contexto para a solução ou atenuação dos problemas. Da mesma maneira que o professor B estava acostumado com a possibilidade dessa correção de forma física, o professor C expôs a mesma preocupação e dificuldade nesse sentido, relatando a necessidade do contato físico, e que, a depender da idade do aluno, simplesmente mostrar pela câmera não era suficiente para uma boa compreensão daquilo que estava a ser passado. Sendo assim, o docente procurou pedir o auxílio dos pais, para que o auxiliassem nesse tipo de contato, dirigindo a fala a eles. Nesse sentido, Cesetti *et al.* (2021) que realizaram uma pesquisa-ação através de um curso de instrumento (piano) para crianças, consideram de fundamental importância essa participação conjunta dos pais no processo remoto de ensino aprendizagem:

Especialmente para o ambiente virtual, acreditamos ser essencial a participação de um pai ou responsável, para garantir que os alunos estejam conseguindo acessar os materiais assíncronos e também para acompanhar as aulas síncronas, tanto para ajudá-los a resolver quaisquer problemas tecnológicos que surjam como, fundamentalmente, para poderem compreender os conceitos pianísticos das aulas e ajudar os alunos durante seus estudos diários (Cesetti *et al.*, 2021, p. 4).

Apesar de se dirigirem ao instrumento piano, por ocasião do contexto específico de ensino, considero pertinente essa preocupação com a necessidade de um acompanhamento dos pais, a fim de que não somente a resolução de posturas possa ser facilitada, mas também a própria angulação da câmera, facilitado o acesso as plataformas, entre outros aspectos.

Inserido no contexto das limitações do ensino remoto emergencial e no contexto de ensino síncrono, o professor C buscou durante suas aulas ter a preocupação com a clareza das informações a serem passadas, voltando sua concentração para sua fala, e buscando falar mais

pausadamente, tendo também um olhar mais preocupado com uma idade específica, não ficando exatamente claro se o olhar se voltou para as crianças no geral. Assim, observamos em sua própria fala:

Então, aquela preocupação se a informação que eu estava falando estava clara para ele, entendeu, e principalmente quando é um aluno de dez anos, onze anos, aí é que a pessoa tinha que tá muito... Eu ficava muito concentrado no que eu ia falar, eu falava até pausado, com calma, pra ver se assim, se chegava a informação, pra eu não falar, falar, falar e chegar na outra aula e eu não ver resultado, uma das coisas que eu tinha preocupação era isso, em falar (Professor C, entrevista, 2023).

É importante destacar que essa preocupação é que já é importante no ensino presencial, se torna mais importante ainda no ensino *online*, uma vez que há nesse último a falta do contato físico e uma série de limitações técnicas na privação do ambiente presencial. Para Schiavio, Biasutti e Philippe (2020, p. 171-172 *apud* Cesetti *et al.*, 2021, p. 7):

Uma diferença óbvia do ambiente virtual é que professores de instrumentos musicais “precisam ser muito mais claros em suas explicações”, tendo que “repensar [como transmitir] informação visual e feedbacks, compensando a falta de contato (por exemplo, ao corrigir movimentos errados ou posições de mãos/dedos)” (Schiavio; Biasutti; Philippe, 2020, p. 171-172 *apud* Cesetti *et al.*, 2021, p. 7).

Sendo assim, no período de ensino remoto, devido as limitações desse formato de aulas seja a partir de atividades síncronas, seja a partir de atividades assíncronas, um aspecto como a transmissão de informações através da fala teve que ser aperfeiçoado, uma vez que os aspectos relativos à visualização e audição do som do instrumento estavam limitados.

Outro desafio derivado da falta de uma boa visualização nas videoconferências foi a dificuldade de passar as digitações para os alunos. Um dos docentes, o professor B, relatou ter essa experiência problemática durante o ensino remoto emergencial, e que buscou dar preferência a utilizar e trabalhar com partituras que já continham uma orientação a respeito disso, de forma com que os alunos pudessem ler as digitações propostas na partitura.

Não somente a respeito dessa dificuldade relacionada à digitação no instrumento, mas procurando suprir uma gama de outras necessidades impostas pelas limitações de áudio e vídeo já expostas até aqui, o docente se utilizou de uma alternativa audiovisual que permitisse

que os seus alunos tivessem uma melhor compreensão quanto a postura no instrumento, a posição das mãos, e de outros fatores relacionadas a performance no violão. Nesse sentido, o docente se utilizou de um canal no YouTube com o nome de *SkyGuitar*, destinado à tutoriais de obras no instrumento violão. Os vídeos do canal contêm execuções de músicas variadas, com a visualização consideravelmente nítida da mão direita e da mão esquerda tocando o instrumento. Segundo o docente, esse recurso foi de grande utilidade para uma melhor compreensão dos seus alunos de violão, como vemos em sua fala:

É...tem um aplicativo, tem uma página no YouTube que é muito interessante que é “SkyGuitar”, que tem partituras, é... com execução das peças, por nível no instrumento. Partitura, tablatura, e tem uma visualização muito boa da execução do instrumento, da imagem, mão direita, mão esquerda. Execução real, né, na velocidade de execução de apresentação e na velocidade reduzida. Então isso ajuda muito na compreensão do aluno naquilo que seria questão de postura, de como colocar a mão direita, como colocar mão esquerda, duração. Então isso ajuda muito e a internet deu essa possibilidade (Professor B, entrevista, 2023).

Vale destacar nessa fala, em primeiro lugar, as implementações de outros elementos que não somente uma única imagem, possibilitadas pelas ferramentas de edição de vídeo. Sendo assim, é possível obtermos diversas informações ao mesmo tempo no vídeo, como uma câmera para a mão esquerda, uma para a mão direita, a partitura e a tablatura. Dessa forma, o aluno ou qualquer pessoa que acessa a um vídeo desse tipo, não está limitado a uma única visão (por vezes de uma qualidade não favorável), mas pode se deter a diversas informações em “uma única imagem”. Além disso, a pessoa que executou as obras para o vídeo as executou primeiramente em um “andamento padrão”, e em seguida as executou com um andamento mais lento, permitindo a quem assiste um olhar mais minucioso a cada movimento. Também é interessante citar que, não somente os vídeos são/foram produzidos contendo andamentos diferentes, como a própria plataforma (YouTube) permite a alteração da velocidade do vídeo, sendo possível uma maior variedade na velocidade de visualização e audição.

No entanto, a meu ver, essa solução talvez não tenha sido completamente eficiente para a resolução dos problemas individuais dos alunos, sendo uma ferramenta que é limitada em alguns sentidos, apesar de ter uma excelente utilidade. Um dos pontos limitantes é que essa é uma solução que se limita às músicas gravadas e disponibilizadas no canal, ou em algum outro canal da plataforma que busque realizar um trabalho semelhante, podendo não

ser possível encontrar uma obra que está sendo trabalhada pelo(a) aluno(a). Outro ponto limitador é a inflexibilidade na digitação, uma vez que o estudante está limitado à digitação contida na performance do vídeo, podendo não ser a mais adequada a sua condição física, ao seu instrumento, ou a alguma opção interpretativa, uma vez que não há interação entre quem toca e quem assiste ao vídeo com o fim de aprender.

Apesar dessas limitações (e de outras possíveis), como já apontado, esse recurso é uma excelente ferramenta para superar questões limitantes relativas ao audiovisual provenientes das chamadas de vídeo. Sendo assim, as atividades assíncronas tomaram seu espaço como meio de contornar os obstáculos enfrentados nas atividades síncronas. Nesse sentido, observo que os vídeos gravados foram uma forma de aliviar as dificuldades que apareceram nesse meio remoto de ensino, e não somente ao utilizar-se de um vídeo produzido por um terceiro como uma referência. Os professores relataram que os próprios alunos também gravaram vídeos para enviar aos docentes como meio de suprir a falta de qualidade da transmissão síncrona de imagem e áudio, buscando corrigi-los a partir do que foi observado nos vídeos.

O professor B, referindo-se também a dificuldade de passar as digitações no instrumento das músicas trabalhadas, afirmou ter se utilizado do recurso da gravação de vídeo por parte dos alunos para contornar essa dificuldade, que colocou como sendo uma das maiores dificuldades do trabalho remoto. Como se pode observar na sua fala:

Às vezes o que acontecia, eu pedia pra ele gravar um trecho, gravar em vídeo e enviar. Gravar a música, enviar e “olha, vamo corrigir esse compasso tal, esse trecho num tá legal, essa digitação num tá boa”, algumas correções pontuais assim, então nesse ponto, uma das dificuldades, assim, maiores (Professor B, entrevista, 2023).

E além da solução por meio da gravação de vídeo, também o envio de áudio foi solicitado pelo professor, como forma de obter uma escuta melhor da execução dos alunos: “Então, [...] às vezes, dependendo da possibilidade do aluno, às vezes até pelo WhatsApp, mandava algum áudio, não tinha condições de ter a imagem dele. Eu digo ‘olhe, mande um áudio [...] com a sua execução e a gente conversa’ porque as vezes não dá para se escutar” (Professor B, entrevista, 2023). Apesar de ser uma forma encontrada para ao menos obter o áudio do aluno executando aquilo que está estudando, trata-se de um meio bastante limitado, uma vez que certas falhas no som não podem ser mais bem solucionadas por não haver a informação visual de como os alunos estão manuseando o instrumento. No entanto, o docente

não informou claramente se esse meio foi utilizado de maneira mais regular ou excepcionalmente, e vejo que, no segundo caso, é uma ferramenta que pode auxiliar complementarmente no processo de aprendizagem.

Para o professor A, a utilização desse recurso foi uma adaptação necessária, uma vez que por vezes não era possível uma compreensão clara do som pela transmissão, pela latência proveniente da transmissão, ou seja, pela demora entre a ação de tocar o instrumento e a recepção da imagem e do som pela outra pessoa, ou outros aspectos problemáticos já citados. Como podemos observar em sua fala:

E às vezes eu pedia, uma das adaptações que foi necessário, como, é...por conta desses problemas que eu te falei da transmissão, as vezes tem um delay, as vezes o som não chegava bem, era a gravação de vídeo. [...] Eu usei muito esse recurso, também outros colegas. “Oh, grava um vídeo você tocando a primeira parte dessa música”. Ele gravava o vídeo, me mandava, eu pegava o vídeo, inclusive até pra instrução ficar mais detalhada, uma das adaptações que eu fiz foi o seguinte: eu editava o vídeo, colocava no próprio vídeo as observações, né. Fiquei utilizando o editor de vídeo e colocava as observações: oh, aqui você errou na... na questão do ritmo. Aí eu botava as vezes a correção só com o áudio. Botava observações por escrito, né... Pegava o vídeo dava uma pausa e “oh, essa parte aqui ta tendo isso e isso” (Professor A, entrevista, 2023).

Nesse caso, podemos observar inclusive um reflexo da familiaridade do professor com as ferramentas digitais, proporcionando ao aluno correções pontuais incluídas nas próprias partes do vídeo por meio de edição, dessa forma, os alunos podiam se deter a partes específicas das músicas, observando as devidas correções. Apesar da facilidade já evidenciada pelo professor com as tecnologias digitais, ele afirmou ter precisado se desdobrar para um aperfeiçoamento nesse sentido, aprendendo a pausar o vídeo, colocar legendas, entre outros aspectos. Como ele mesmo aponta:

Sim, teve uma habilidade que eu tive... eu conhecia por cima... porque como eu falei, eu trabalhei na parte gráfica, computação gráfica, mas um conhecimento que eu tinha muito por cima e que eu tive que me aprofundar mais foi a parte de edição de vídeo, né. [...] Jogar legenda, né, fazer a pausa, cortar o vídeo e depois botar um... inserir alguma coisa entre uma parte e outra da... do vídeo, né. Isso daí eu, é... eu desenvolvi. Agora como eu te digo, como você já tem... para mim foi extremamente rápido, porque como os conceitos são muito comuns, né, eu trabalhei com editores gráficos como: `Photoshop, CorelDraw, Illustrator, PageMaker, que era as coisas que eu ensinava [...] (Professor A, entrevista, 2023).

Pode-se entender que essa agilidade na aprendizagem possibilitou de maneira mais rápida e eficaz um novo meio de aprendizado por parte dos alunos. Essa questão, além de todos os outros desdobramentos por parte dos professores para buscar soluções para os problemas do Ensino Remoto Emergencial (ERE), evidenciam o grande esforço exigido por esse período atípico para todos os professores e alunos, além de evidenciar a necessidade do investimento em conhecimento das tecnologias digitais e de grande parte dos recursos disponíveis *online*, principalmente por parte daqueles que não tiveram contato com essas tecnologias mais cedo. Retomando Portugal, Rodrigues e Westermann (2020, p. 12), as habilidades como a de gravação, edição e domínio das plataformas de conteúdo já eram necessárias ao professor da atualidade. A exigência quanto a estas aptidões, além de muitas outras, só se tornaram mais urgentes.

Nesse sentido, o processo de adaptação e de busca por soluções no período da pandemia foi um aspecto considerado positivo pelo Professor A. Ele apontou que, apesar do incômodo inicial provocado pela situação, o processo de se inteirar das tecnologias existentes em si já é um ponto positivo da experiência do ensino remoto durante a pandemia. Como podemos ver em sua fala:

No início é um incômodo, porque isso é natural em qualquer coisa da vida, né, você tem uma determinada situação..., mas eu acho que, é... de positivo tem isso, esse desafio que representa para você. “Eita, tem uma nova tecnologia, eu tenho que me inteirar à aquilo ali”. Você vai entrar naquele campo de reflexão: como é que eu posso usar isso daqui... isso daqui é... porque tem muitos desdobramentos, né, de repente uma ferramenta foi concebida pra determinado fim, mas você usa para outra finalidade e que você de repente [...] descobriu uma utilidade excelente para isso daqui, para eu aplicar nas minhas aulas (Professor A, entrevista, 2023).

O caminho dos docentes nesse período foi construído por diversas experiências como a descrita na fala do professor A, onde ferramentas que foram concebidas para fins diversos ou com outros fins que não o da música e seu ensino, foram utilizadas com esse fim. Como citado anteriormente nesse trabalho, as plataformas de videoconferência utilizadas, os aplicativos de mensagens instantâneas, dentre outras ferramentas, todos esses meios não foram elaborados para suprir uma necessidade da educação musical. Porém, como destaca o docente, podemos encontrar utilidades nos diferentes recursos tecnológicos para a aplicação nas aulas, como ele encontrou na gravação e edição de vídeo.

Dentro de todos esses fatores até aqui considerados, é importante destacar que tudo isso ocorreu dentro de um contexto totalmente atípico não somente na área da educação

musical ou da educação como um todo, mas em todas as áreas de vivência dos indivíduos. Foram tempos em que boa parte das pessoas estavam em casa, muitas vezes dividindo o mesmo ambiente para diferentes atividades: estudos, trabalhos, atividades domésticas, entre outras. Nesse sentido, retomando Barros e Beltrame (2022):

Dessa forma, o espaço da sala de aula, que no presencial tinha um formato específico, um local, uma organização, agora ocupa um lugar chamado virtual. Nele, diferentes pessoas habitam, convivem e fazem coisas diferentes utilizando o mesmo espaço físico, de onde se assistem às aulas, ministram-se aulas, realizam-se atividades e tarefas. Tudo isso, normalmente dentro das casas, reconfigurando totalmente o espaço onde se ensina e aprende. Agora, com interferências das pessoas que estão no mesmo espaço físico, mas não necessariamente fazendo as mesmas atividades [...] (Barros; Beltrame, 2022, p. 5).

Essa experiência, então, incluiu dois aspectos que valem a pena serem mencionados. Em primeiro lugar, as aulas de instrumento ocorreram em um espaço físico que muitas vezes (ou todas as vezes) não foi pensado como um ambiente para a sala de aula virtual, sendo assim, questões relativas à estrutura, como a falta de uma boa iluminação, ou de um espaço adequado para o posicionamento em relação a câmera, além de outras questões, foram obstáculos durante esse percurso de ensino e aprendizagem. Além disso, as atividades paralelas realizadas por outras pessoas nas residências, bem como a movimentação e atividades em outras residências ou na própria rua são causa de muito barulho. Apesar de não detalhar com clareza se esse tipo de experiência foi vivenciada somente com um aluno, de forma excepcional, ou foi uma constante no período pandêmico, o professor B aponta ter passado por esses problemas relacionados a iluminação, sons diversos na casa e outros aspectos, como aponta em sua fala:

Teve aluno que tava tendo aula no quarto, sem nenhuma orientação dos pais, uma iluminação péssima, sem estante, é... sentado numa cadeira com a partitura na cama, o quarto escuro, [...], muito barulho na casa. Então você se sentia realmente impactado com isso, isso aí... e ao ponto de eu chegar e conversar com os pais e dizer “olha, infelizmente, fica muito difícil a gente fazer aula assim”, mas... é a dificuldade (Professor B, entrevista, 2023).

Como podemos observar, esses desafios foram árduos, exercendo um grande impacto até na viabilização das aulas em alguns casos, como considerou o docente em sua fala acima. As dificuldades e as limitações técnicas, como apresentado até o momento, foram diversas, bem como houve por parte dos docentes um desdobramento para encontrar soluções ou ferramentas que amenizassem essas limitações, visto que o objetivo de todo esse processo de

ensino, mesmo que dificultoso, é que os alunos possam absolver aquilo que lhes é passado durante o processo.

Nesse contexto domiciliar, onde as mais diversas atividades da vida humana foram concentradas no período da pandemia, a relação do professor com o tempo de trabalho tornou-se mais flexível. O professor C se utilizou dessas condições de uma maneira muito preocupada com o progresso constante de seus alunos, buscando estar disponível em diversos horários durante o dia, para que os alunos não perdessem a aula por alguma questão, como vemos em sua fala:

[...] “Professor, a minha aula é de 15:15, eu não posso esse horário não, mas se o senhor tiver um tempinho de 19:15”. Eu digo “ok”. Então, eu tava o dia, eu tava de 8:30h até 22h a disposição do aluno. Isso traria, assim, o aluno não faltava aula. “Professor, mesmo que eu não possa fazer essa hora, mas eu posso fazer?” “pode sim, [...], o importante é você não perder esse timing” (Professor C, entrevista, 2023).

Essa preocupação por parte do professor e todo seu desdobramento para ficar disponível por grande parte do dia aos alunos demonstra um grande cuidado com a continuidade do progresso dos estudos. Porém, é importante destacar que essa realidade aponta para o problema do aumento da carga horária dos professores durante o ensino remoto, tendo ocorrido então um excesso de tempo trabalho dos docentes na rotina diária e no decorrer dos dias. Tal problema é levantado por diversos autores que discutiram sobre educação na pandemia com o olhar voltado ao professor. Saraiva *et al.* (2020 apud Batista *et al.*, 2021, p. 2) nas palavras de Batista *et al.* (2021) aponta que:

Durante o tempo de pandemia o ensino remoto necessita de uma grande demanda de tempo e disponibilidade dos professores, visto que, estes terão que encontrar-se a disposição para se comunicar com alunos e tirar dúvidas por aplicativos de mensagens, sendo que muitas vezes essas conversas serão em horários diferentes do ensino regular (Saraiva *et al.*, 2020 apud Batista *et al.*, 2021, p. 2).

Vemos então que, o simples fato de pôr-se a disposição para dúvidas através dos aplicativos de mensagens já foi um dos fatores que aumentou o horário dos professores dedicado ao trabalho. A isso, adicionemos a flexibilidade nos horários citada pelo Professor C e o próprio processo adaptação e busca de aprendizado para uma maior interação com as tecnologias e os recursos disponíveis, que já somam certo tempo.

Em outra perspectiva, quando tomamos a parte a experiência dos alunos nesse período, considerando o engajamento, participação e outros aspectos, os docentes tiveram experiências e percepções diferentes, apontando algumas características diversas. O professor B, ao relatar sobre o período pandêmico, afirmou não ter percebido uma diminuição na quantidade de alunos nesse período, e acredita que isso se deu por causa do desejo por parte dos alunos e por parte dos pais de alguma atividade, visto que os alunos estavam isolados em casa, como observamos em sua fala: “Eu acho que não sofreu nesse sentido de diminuir não. Por quê? Porque o aluno estava em casa, ele queria atividade, os pais queriam atividade e tentavam [...]” (Professor B, entrevista, 2023). O difícil período de isolamento trouxe, a meu ver, um maior interesse por ocupações diversas, visto que a reclusão trouxe a todos nós diversas privações às atividades costumeiramente realizadas.

Nesse sentido, o Professor C aponta ter experienciado com os alunos um período de maior engajamento e de maior produtividade, apesar das dificuldades e limitações no Ensino Remoto Emergencial. Por causa justamente das privações de suas atividades rotineiras, por estarem “sem fazer nada” em casa, as aulas de violão e o estudo do violão, segundo o docente, foi uma válvula de escape, como podemos observar na sua fala:

Não, eles estavam mais engajados, assim, eu creio porque era uma válvula de escape deles assim, por não ter nada o que fazer. Eles reclamavam muito assim, que a aula de violão era um... assim, se divertiam, porque eles tinham na aula regular da escola, eles assim, aquela coisa [...] está *online* e não, né, eles fecham a câmera aí é como se... no violão não, tinha que estar, a gente tem que tá visto, um com o outro, né (Professor C, entrevista, 2023).

É interessante acentuar a comparação citada pelo professor, comparando as aulas nas escolas e a aula de instrumento como distintas. A meu ver, essa distinção se dá no fato das aulas de instrumento necessitarem mais do olhar, do visual entre os alunos e os professores, mesmo que limitado, nesse tempo de tamanho distanciamento entre as pessoas, visto ser de suma importância a visualização de como o aluno está tocando, segurando e se portando corporalmente com o instrumento.

Já a respeito da motivação, o Professor A notou de certa forma um desestímulo por parte dos estudantes nesse período pandêmico, principalmente por parte dos mais novos (por volta dos 10 anos de idade). Segundo o professor A, isso se deu não só por causa da falta de contato presencial dos alunos com ele, mas por toda a dinâmica de vivência na escola de música, dos corredores da escola, da interação com os colegas. De acordo com ele, a falta

dessas relações para os mais novos deu um peso maior ao desestímulo, como podemos ver em sua fala, com uma visão geral desses pontos:

É, o que eu percebi, Thyago, foi um desestímulo. Tanto que, muitos que eu comecei *online*, depois é que eu vim conhecer presencialmente, eles deixaram né, eles deixaram. Mas foi mais [...] até um pessoal mais novo assim, na faixa até dos 10, 11 anos... 9 anos, 10 anos, 11 anos por aí. [...] Chegaram até a fazer umas aulas presenciais aqui comigo quando a gente voltou, quando a gente estava voltando às aulas presenciais, chegaram a fazer ainda um semestre, mas depois abandonaram, né. [...] Porque eu acho que [...] uma coisa meio que pesada não era só a questão de você está junto com o professor, era também deles virem pra escola, eles socializarem aqui com os coleguinhas da turma, com os amigos aqui, chegar, encontrar, bater papo, e fazer aula de musicalização, e aquela coisa. [...] Aquela movimentação que tem nos corredores da escola, toda essa, essa dinâmica né, ficou faltando, né (Professor A, entrevista, 2023).

Enxergo que, nesse ponto, podemos observar que a experiência de ensino e aprendizagem de instrumento não está resumida somente aos aspectos técnicos relativos ao ensino remoto, ou até mesmo ao ensino de uma maneira geral, nem a aspectos metodológicos. É possível observar que o engajamento e a motivação dos alunos têm perpassado também seus relacionamentos sociais e o contexto como um todo de ensino, como aponta o docente, não somente da sala de aula, mas as relações que provém dela, principalmente ao voltarmos o olhar para as crianças.

Além disso, ao voltarmos para o público dos estudantes que juntamente com os professores sofreram esse processo abrupto de adaptação, ou seja, que não iniciaram seus estudos de violão na escola no período pandêmico, mas em período anterior a pandemia, temos um público que inicialmente e em grande parte optou, buscou e se interessou por um processo de ensino presencial. Silva (2021, p. 19), aponta uma dificuldade relacionada a este aspecto, com o olhar voltado para as limitações tecnológicas:

Há de se considerar ainda que temos nos estudantes, um público que buscou inicialmente a educação presencial e que precisa se adequar rapidamente a uma nova realidade, não raro apresentando dificuldades e resistências, muitas vezes tecnológicas e forçadas por uma exclusão digital, já que muitos alunos não possuem artefatos tecnológicos ou acesso estável a Internet para o acompanhamento das aulas (Silva, 2021, p. 19).

Essa “quebra de expectativa” aliada às barreiras tecnológicas relacionadas à falta de recursos, bem como as próprias limitações do ensino remoto, mesmo com aqueles que

possuem equipamentos e recursos de melhor qualidade e mais estáveis, a meu ver, podem também terem sido causa do desestímulo apresentado pelos alunos nesse período.

Observando de uma maneira mais ampla, concluo que a percepção dos professores dos alunos quanto à adaptação para as aulas remotas, bem como daqueles que iniciaram suas aulas remotamente é uma percepção positiva. Nesse sentido, observo que não houve, nesse período, nenhuma grande evasão dos alunos de violão desses professores, e que, apesar de todas as limitações técnicas e certo desestímulo, os estudantes conseguiram prosseguir com seus estudos no instrumento. No entanto, foi necessário que os professores buscassem maneiras de superar as dificuldades e manter os alunos nos estudos através do ensino remoto, para que em uma possível nova experiência, mesmo com as limitações do trabalho remoto, o aprendizado pudesse continuar.

Concluindo, vejo que os desafios enfrentados pelos docentes nesse difícil período da pandemia foram vários, e que foi necessário um esforço para a busca por soluções ou estratégias que pudessem atenuar esses desafios oriundos das diversas limitações no Ensino Remoto Emergencial. Assim, eles conseguiram em certo nível encontrar meios de contornar ou amenizar certos problemas decorrentes da falta de recursos e dos próprios limites do ensino sem o contato presencial. Porém, vale salientar que parte das dificuldades dos professores se deu pela falta de experiência prévia com o ensino via internet, como também da falta de conhecimento, em certo nível, das práticas de ensino de instrumento já estabelecidas no meio da internet. Considero também que houve de certo modo uma tentativa de replicar ao máximo possível as características da aula presencial e de buscar esse ideal através dos encontros síncronos, o que pode ter causado dificuldade em voltar o olhar para outras possibilidades.

Por fim, é necessário olhar para essa experiência com um viés positivo, procurando encontrar meios de utilizar os conhecimentos adquiridos na experiência remota no momento atual, em que o ensino presencial se estabeleceu novamente de maneira concreta.

4.3 Ensino presencial no pós-pandemia

A partir dos relatos e considerações dos docentes expostos na parte anterior deste trabalho a partir de suas experiências concretas de ensino remoto, um modo possível de se enxergar e executar o ensino de música nesse momento pós-pandemia é pela implementação

de recursos tecnológicos cujo conhecimento foi fruto do aprendizado do ERE. Sendo assim, ao invés de pensarmos em uma continuidade das aulas remotas como no ensino híbrido, como proposto por Barros e Beltrame (2022) no início do retorno presencial, podemos pensar em como as tecnologias utilizadas durante toda a experiência podem potencializar as aulas presenciais de violão. Essa ideia será exposta a seguir a partir dos apontamentos dos próprios docentes relativos a esse aproveitamento dos recursos tecnológicos na volta à normalidade.

Caminhando nesse sentido, algumas ferramentas descobertas pelos docentes no período da pandemia continuaram em utilização por eles na volta às aulas presenciais, e continuavam em utilização no semestre em que foi realizada a entrevista. Um deles, o professor C, encontrou uma forma de articular o aprendizado das aulas de teoria musical com a prática instrumental, principalmente se referindo a questão do ritmo e do compasso, ao enxergar que existia nos alunos uma dificuldade de leitura da partitura, no sentido de associar aquilo que lhes foi passado na teoria com a prática instrumental. Como ele afirma:

E uma das ferramentas assim que eu aprendi e que eu achei que foi de muito ganho também no período da pandemia é aquela coisa de tentar trazer o aluno para as questões teóricas, que as vezes a gente via que o aluno tinha dificuldade na questão teórica [...]. Ele estava lendo determinada peça, mas... eles não sabiam linkar [...] o que eles estavam lendo com a teoria musical que eles estavam estudando. Então, uma das coisas principalmente o ritmo [...] (Professor C, (Professor B, entrevista, 2023).

Nesse sentido, com o objetivo de contornar esse obstáculo que é comum nos alunos de instrumento não somente no período da pandemia, mas também nas aulas presenciais, o professor se utilizou de um *loop* de levada rítmica, e afirmou especificamente em sua fala ter se utilizado de um *loop* de xote. O *loop*, nesse sentido, podemos entender como uma batida rítmica que se repete várias e várias vezes da mesma forma. Esse tipo de recurso é facilmente encontrado no meio da internet, como por exemplo no YouTube, onde o ritmo, geralmente executado por instrumentos de percussão, se repete da mesma forma até o final do tempo do vídeo. Dessa forma, o docente pôde através dessa descoberta, facilitar a compreensão dos seus alunos se utilizando dessas produções que estão disponíveis *online*. Para ele, o processo dessa aplicação foi da seguinte forma:

Então, para resolver isso, uma das coisas que eu utilizei era o loop. O loop assim, eu pegava um loop, por exemplo, a gente tá trabalhando uma música em dois por quatro, eu não me limitava àquela coisa, a música é assim, não. Eu pegava um loop de xote. Então, fazia a leitura rítmica com eles e ensinava, primeiramente ensinava a eles abrirem o loop, né, que na internet

hoje o loop tem loop de xote, você coloca lá e tem lá a batida eternamente, [...] Aí, eu ensinava a eles como ouvir, aonde tava o primeiro tempo, como é que fazia a leitura, auxiliando essa leitura com a partitura (Professor C, entrevista, 2023).

É interessante apontar que, dessa forma, os alunos podem utilizar muitas vezes de elementos musicais já familiares aos seus ouvidos, como um ritmo específico, para a assimilação dos tempos da música que estão trabalhando no momento, tendo-se atenção a utilizar algum *loop* com compasso idêntico à obra em que se está aprendendo. Vemos então que esses recursos digitais podem, além de serem ferramentas do ensino remoto, auxiliar na sala de aula presencial e nos estudos, e nesse caso, facilitando também a articulação teoria-prática. Para Borges e Richit (2022, p. 67):

Os recursos digitais, utilizados em contextos de educação musical, podem contribuir significativamente para a aprendizagem relacionada aos conceitos musicais, à execução de instrumentos musicais, ao canto musical etc., e, conseqüentemente, na articulação entre a teoria e prática. Dessa forma, os recursos digitais podem fornecer tanto suportes didáticos de ensino como ferramentas de aprendizagem musical (Borges; Richit, 2023, p. 67).

Essa articulação entre as questões teóricas e a prática instrumental, aponta o professor C, foi facilitada por essa ferramenta facilmente encontrada no meio digital, permitindo com que os alunos se localizassem melhor nos tempos do compasso. No entanto, considero importante que também seja estimulado no aluno que a leitura seja feita sem esse artifício, a fim de que não haja uma dependência em relação a esse recurso, sendo possível uma transição até que os alunos obtenham certa independência.

Outro aspecto levantado por um dos docentes tem relação com os recursos físicos presentes na sala de aula. Para o Professor B, alguns equipamentos são fundamentais nos dias de hoje para o ensino de instrumento, para possibilitar que o aluno possa conferir, no momento das aulas, outras pessoas executando aquela música que ele está aprendendo no momento. Um computador, uma tela e o acesso à internet no local fazem parte desses recursos que auxiliariam, e que no caso dele já auxiliam, na transmissão dos conteúdos. Como ele aponta:

Eu acho que você ter em sala de aula um monitor, um computador, internet, pra, com acesso a informações é fundamental para a aula de instrumento. Você vai unir as duas coisas, ajuda muito, porque você pode ter acesso a um documentário, [...] enquanto você tá estudando uma obra com um aluno você apresentar a ele duas, três interpretações de músicos diferentes, assim como

interpretações diferentes pra discutir. Isso você com acesso a internet é muito bom, muito saudável, né. E hoje eu faço isso com os alunos, trabalho uma peça, quando ele ta tocando, “oh, vamo escutar uma versão”, né, isso aí é muito importante (Professor B, entrevista, 2023).

Sendo assim, o professor pode, tendo esses recursos disponíveis, discutir com o aluno diferentes possibilidades de dedilhado, interpretação e outros aspectos que podem ser retirados a partir da observação e escuta atenta dos detalhes da performance. Além disso, pode ser trabalhado no aluno, mesmo com aqueles mais iniciantes, um olhar mais atento as diferentes performances, buscando compreender quais características do som, como a intensidade, timbre e andamento estão sendo executadas de maneira distinta, e como esses detalhes podem ajudá-los em suas próprias interpretações. Nesse sentido, em relação aos vídeos disponibilizados no YouTube, Gohn (2008, *apud* Souza, 2014, p. 8), nas palavras de Souza (2014) afirmou que: “[...] ainda quanto ao processo de aprendizado musical, pode-se propiciar o desenvolvimento do senso crítico e analítico por meio da avaliação das performances [...]”.

É importante também citar, ao referir-se a plataforma do *Youtube*, que o Professor B também continuou, no retorno as aulas presenciais, utilizando a essa plataforma da mesma forma que apontado anteriormente, através do canal ‘*SkyGuitar*’, sendo esses um dos pontos que se mantiveram em seu ensino mesmo com o fim do Ensino Remoto Emergencial.

De uma maneira geral, vejo que a experiência dos docentes com o ERE durante a pandemia acrescentou novas possibilidades metodológicas e de recurso em suas aulas, e no contexto de ensino presencial como um todo, e que foi possível tirar frutos não negativos da trágica vivência da pandemia. Além disso, observando o processo de desafios e busca por soluções, que resultou na implementação dos aprendizados desse período nos tempos atuais, é possível notar que a mudança de realidade enfrentada pelos docentes, acrescentada pela falta de experiência prévia no ensino remoto, foi bastante forte, resultando numa tendência a se manter um modelo mais próximo do presencial possível.

Por fim, considero que os dados apresentados pelos docentes relativos às suas respectivas experiências no ERE foram suficientes para alcançar de uma maneira geral os objetivos propostos desta pesquisa. Dessa forma, foi possível ter alguma base de como eles passaram a se planejar para as aulas, apesar de restritas informações nesse sentido, tendo enfoque nos materiais utilizados, como também foi possível compreender em certo nível os desafios que tiveram de ser enfrentados pelos professores, e que estratégias foram utilizadas

para contorná-los ou atenuá-los. Além disso, foi possível obter uma breve impressão dos professores a respeito de seus alunos, e identificar aqueles aprendizados e experiências que puderam se manter em um momento posterior no ensino presencial.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade enfrentada durante a pandemia foi uma experiência única e que muitos não esperariam nunca vivenciar. Nesse contexto, muitas áreas da vida de cada indivíduo tiveram que ser alteradas, se adequando às novas exigências do período. No meio da educação musical e do ensino de instrumento não foi diferente, sendo necessária uma grande adaptação para o contexto remoto de ensino, através das ferramentas digitais disponíveis na internet. Desse modo, aqueles que não tinham experiências prévias com esse tipo de ensino encontraram grandes dificuldades em se adequar a nova realidade. Esse aspecto foi apontado por diversos autores em seus relatos de experiência e outros tipos de pesquisa, e pôde-se observar isso na experiência dos docentes envolvidos nessa pesquisa realizada para meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Nessa pesquisa, observo que foi possível alcançar os resultados pretendidos pelos objetivos traçados. Desse modo, através dos diversos pontos apresentados no decorrer da análise, foi viável obter uma síntese da experiência de adaptação dos docentes durante o Ensino Remoto Emergencial, assim como realizar uma análise articulando os dados conseguidos com os autores que estão a discorrer sobre o tema.

Tratando-se do primeiro objetivo, relativo à compreensão do planejamento e realização das aulas por parte dos professores, posso dizer que apesar dos escassos dados referentes ao processo de planejamento, é possível afirmar que quando somado a falta de experiência prévia, o tempo disponível para os professores a fim de se prepararem para o novo modelo de ensino foi curto. Esse tempo, de acordo com os dados apresentados, foi utilizado para a definição das plataformas de encontro síncrono com os alunos, bem como algumas definições de tempo de aula e materiais utilizados. Nesse sentido, houve por parte dos professores uma tentativa de buscar atingir o modelo de aula síncrono próprio do ensino presencial, que a meu ver, pode ter sido um limitador no conhecimento de outras possibilidades, principalmente as já estabelecidas no contexto de aprendizagem instrumental da internet.

Ao adentrar no segundo objetivo (relativo aos desafios enfrentados pelos docentes), como resultado, é possível afirmar que grande parte dos desafios enfrentados pelos docentes foram provenientes das limitações de recursos tecnológicos, bem como da experiência de ensino através das plataformas síncronas, que em si apresentam limitações. Nesse sentido, os meios de contornar os desafios foram boa parte ferramentas assíncronas, principalmente na

utilização de recursos audiovisuais gravados disponíveis na internet ou através da gravação dos próprios alunos. Tais recursos passaram a complementar as atividades dos professores na volta às aulas presenciais, sendo tal aplicação fruto da experiência do Ensino Remoto Emergencial. Dessa forma posso dizer que, quanto ao objetivo relacionado às estratégias mantidas para o ensino presencial, alguns dos docentes afirmaram ser grande a diferença entre a interação presencial no ensino de violão e a experiência remota, e todos eles acabaram utilizando-se das ferramentas assíncronas descobertas ou utilizadas por eles no período da pandemia no processo de ensino presencial posterior à pandemia.

Por fim, em relação ao objetivo voltado a compreender e analisar a impressão dos professores em relação aos alunos, houve por parte dos docentes uma percepção equilibrada em relação aos alunos nesse tipo de ensino, tendo sido apontado por um dos docentes certo desestímulo e por outro foi observado e apontado que os estudantes estavam engajados no processo, sendo as aulas de violão uma espécie de ‘válvula de escape’ no período da pandemia. Apesar das inúmeras dificuldades vivenciadas durante todo o processo, que se inseriam dentro de um contexto maior das dificuldades provenientes da pandemia, pôde-se manter um trabalho de ensino de violão durante todo o período, bem como gerar bons frutos para o atual ensino presencial, tendo os alunos, com o decorrer do tempo, conseguido se adaptar bem ao modelo de ensino, de acordo com os professores.

Acredito que este trabalho pôde apresentar um recorte interessante a respeito desse momento recente da pandemia, detendo-se a uma realidade específica de uma escola especializada em música. A temática do ensino remoto de instrumento musical passou a ser colocada mais em foco com a vinda da pandemia da covid-19, sendo foco de muitos trabalhos nos últimos quase três anos. Esse trabalho, apesar de um recorte de um contexto individual, apresenta certas similaridades com relatos de experiência e outros tipos de pesquisa já publicados e talvez possa contribuir com algum entendimento da questão do ensino remoto de música dentro da prática do instrumento violão.

REFERÊNCIAS

- AIRES FILHO, Sérgio Alexandre de Almeida; SANTOS, Carla Pereira dos; MARINHO, Vanildo Mousinho. Ensino coletivo remoto de violão: desafios e (re)invenções pedagógicas durante o período da pandemia do covid-19. *In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 15., 2020, [S.l.]. **Anais [...]**. [S.l.]: Abem, 2020. p. 1-13. Disponível em: <https://www.abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/viewFile/458/269>. Acesso em: 16 out. 2023.
- BARBOZA, Márcio Borges. **Ensino remoto emergencial de música: um relato de experiência no projeto EMUSCO durante a pandemia da covid-19**. 2022. Monografia (Licenciatura em Música) -Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/45869/1/EnsinoRemotoEmergencial_Barboza_2022.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.
- BARROS, Matheus Henrique da Fonseca. Educação musical, tecnologias e pandemia: reflexões e sugestões para o ensino de música em meio à Covid-19. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 292–304, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/55878>. Acesso em: 15 out. 2023.
- BARROS, Matheus Henrique da Fonsêca; BELTRAME, Juciane Araldi. Educação musical, tecnologias e pandemia: o que aprendemos e para onde vamos?. **Revista da Abem**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 1-20, 2022. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/1085/620>. Acesso em: 15 out. 2023.
- BELTRAME, J. A.; GARCIA, M da R. Curso híbrido de violão: proposta e prática. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 278–291, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/55854>. Acesso em: 14 out. 2023.
- BORGES, Adilson de Souza; RICHIT, Adriana. Tecnologias digitais na aprendizagem musical: o que dizem as pesquisas. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade**, [S.l.], v. 26, n. 51, p. 61-94, jul. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/2905/3152>. Acesso em: 16 out. 2023.
- CERNEV, Francine Kemmer; DUTRA, Olga Regina Holanda dos Santos. As adaptações nas aulas de música durante o ensino remoto emergencial: em busca de novos caminhos, propostas e perspectivas. **Revista da Abem**, [S.l.], v. 29, n. 1, p. 1-23, set. 2021. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/1050/613>. Acesso em: 15 out. 2023.
- COLABARDINI, Júlio César de Melo; GALVÃO, Rodrigo Souza. Educação musical online e semipresencial: organização, planejamento e oferta de cursos de instrumentos musicais. *In: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA*, 31., 2021, João Pessoa. Anais [...]. João Pessoa: Anppom, 2021. p. 1-14.

Disponível em: <https://anppom-congressos.org.br/index.php/31anppom/31CongrAnppom/paper/viewFile/499/299>. Acesso em: 22 nov. 2023.

FINELLI, Leonardo Augusto Couto; RUAS, Aline Maria Gonzaga. Sistematização de conceitos: distância, ensino remoto, e, ensino híbrido. *In*: FINELLI, Leonardo Augusto Couto; RUAS, Aline Maria Gonzaga (org.). **Experiências de educação em tempos de educação híbrida**. Guarujá: Científica Digital, 2022. p. 200-215. Disponível em: <https://downloads.editoracientifica.com.br/books/978-65-5360-174-1.pdf>. Acesso em: 16 out. 2023.

MARQUES, Gutenberg de Lima. Práticas de ensino e aprendizagem de canto no YouTube: um estudo sobre o espaço pedagógico-musical de um canal. **Revista da Abem**, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 1-23, 2022. Disponível em: <http://abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/1077/622>. Acesso em: 15 out. 2023.

MOREIRA, Moacir Emanuel Silva; SCOTTI, Adelson Aparecido. Ensino coletivo de violão e teoria musical no formato remoto emergencial: um relato de experiência no pipbex. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 25., 2021, [S. l.]. **Anais Eletrônicos**. [S. l.]: Abem, 2021. p. 1-14. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/775/public/775-4434-1-PB.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

QI, Nan; MIRANDA, Bruna dos Santos; SOUZA, Mariana Lima de; CESETTI, Durval. Piano na pandemia: relato de um curso on-line para crianças. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 31., 2021, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: Anppom, 2021. p. 1-11. Disponível em: <https://anppom-congressos.org.br/index.php/31anppom/31CongrAnppom/paper/viewFile/759/450>. Acesso em: 15 out. 2021.

RODRIGUES, Mauren Liebich Frey; HIRCSH, Isabel Bonat; MANZKE, Vitor Hugo Rodrigues. Aulas de piano em tempos de isolamento social: um estudo exploratório. *In*: ENCONTRO REGIONAL SUL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 19., 2020, [S. l.]. **Anais [...]**. [S. l.]: Abem, 2020. p. 1-13. Disponível em: <https://www.abem-submissoes.com.br/index.php/RegSul2020/sul/paper/view/519/369>. Acesso em: 15 out. 2023.

RODRIGUES, Paulo; ARAÚJO, Francy Kelly; WESTERMANN, Bruno. Produção de videoaulas de violão para a internet: aspectos didáticos, técnicos e formativos. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 25., 2021, [S. l.]. **Anais [...]**. [S. l.]: Abem, 2021. p. 1-16. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/1028/public/1028-4431-1-PB.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

SILVA, Janilson do Nascimento. **Ensino remoto emergencial**: um olhar para a prática de professores de música da emufrn. 2021. Monografia (Licenciatura em Música) - Escola de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021. Disponível em:

https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/33763/1/EnsinoRemotoEmergencial_Silva_2021.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

SOUZA, William Gláucio de. **A utilização do YouTube como ferramenta para o ensino e aprendizagem de guitarra**: concepções de um músico-professor de instrumento. 2014. Monografia (Licenciatura em Música) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Goiás, 2014. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9908/1/2014_William%20Gláucio%20de%20Souza.pdf. Acesso em: 16 out. 2023.

TOURINHO, Cristina; BRAGA, Paulo. “Era uma casa muito engraçada...”: reflexões sobre o planejamento do ensino instrumental a distância e a criação de cursos mediados por computador. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 16., 2006, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Anppom, 2006. p. 22-26.

VASCONCELOS, Mônica Cajazeira Santana. Ensino remoto: experiências de professores de música em um centro universitário de cultura e arte. *In*: CONGRESSO NACIONAL DA ABEM, 25., 2021, [S.l.]. **Anais [...]**. [S.l.]: Abem, 2021. p. 1-10. Disponível em: http://abemeducacaomusical.com.br/anais_congresso/v4/papers/1123/public/1123-4432-1-PB.pdf. Acesso em: 15 out. 2021.

WESTERMANN, Bruno; PORTUGAL, Diogo; RODRIGUES, Paulo. Ensino de violão e pandemia: relato de experiência de uma ação de extensão. *In*: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 15., 2020, [S.l.]. **Anais [...]**. [S.l.]: Abem, 2020. p. 1-14. Disponível em: <https://www.abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/view/481/270>. Acesso em: 15 out. 2023.

WOLFFENBÜTTEL, Cristina Rolim. O ensino de música em tempos de pandemia. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 31., 2021, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa: Anppom, 2021. p. 1-11. Disponível em: <https://anppom-congressos.org.br/index.php/31anppom/31CongrAnppom/paper/view/446/269>. Acesso em: 16 out. 2023.

APÊNDICE

MODELO DO TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

Termo de Consentimento

Eu, _____, disponho-me, voluntariamente, a participar da pesquisa realizada por Thyago Lira Sobral para a realização do seu Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal da Paraíba.

- O meu nome, bem como dos demais participantes envolvidos no trabalho, não serão mencionados em qualquer meio de divulgação, garantindo-se assim o anonimato dos participantes;
- A realização do trabalho não implicará qualquer mudança nas atividades regulares por mim realizadas;
- Autorizo a realização de entrevistas e gravações de áudio, como recurso para a coleta e registro dos relatos de experiência docente enquanto material de pesquisa.
- As gravações em áudio e a transcrição de entrevistas que forem autorizadas serão utilizadas como material de análise e poderão ser inseridas no trabalho de conclusão de curso e utilizadas em eventos acadêmicos, artigos científicos e demais materiais de cunho acadêmico e científico.

João Pessoa, 10 de maio de 2023.

Assinatura do responsável: _____

Assinatura do pesquisador: _____